

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

“PARA VOCÊ SONHAR” - Sinalizando dança e arte



PALHOÇA

2022

ANA CAROLINA LOPES BITENCOURT

“PARA VOCÊ SONHAR” - Sinalizando dança e arte

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Pedagogia Bilíngüe do Instituto Federal de Santa Catarina - campus Palhoça Bilíngüe como requisito à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngüe de Pedagogia Bilíngüe do Câmpus (Libras-Português)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janaí de
Abreu Pereira

PALHOÇA

2022

“PARA VOCÊ SONHAR” - Sinalizando dança e arte

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi aprovado como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia Bilíngüe no curso de Pedagogia Bilíngüe (Libras/Português) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC, e aprovado na sua forma final pela comissão avaliadora abaixo indicada.

Palhoça, 08 de dezembro de 2022.

Prof.^a Dr.^a Janaí de Abreu Pereira
Orientadora
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Prof.^a Ms. Ana Paula Jung
Membro Interno da Banca Examinadora
Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Prof.^a Dr.^a Natalia Schleder Rigo
Membro Externo da Banca Examinadora
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me proporcionado forças e coragem para finalizar o curso, que por muitas vezes durante o período de isolamento social causado pelo vírus da COVID-19, pensei em trancá-lo. Aos meus pais Edney Lopes Bitencourt e Altamir Bitencourt, que me proporcionaram a oportunidade de parar toda uma vida de correria e trabalho, para ficar alguns meses com eles, cuidando da minha saúde mental e física, para que pudesse estudar e não mais adiar a entrega desse trabalho.

A minha orientadora Janaí de Abreu Pereira que aceitou minhas idéias mirabolantes, e me ajudou a encontrar o caminho certo para a escrita desse trabalho, além de ter tido muita paciência com meus prazos que sempre precisavam ser adiados.

As minhas amigas Thuanny Sá Galdino e Camila Gallo que estiveram do meu lado me apoiando e me proporcionando boas risadas e cobranças constantes, de “como está o seu TCC”, e eu sempre as respondia com “ele está lá, está indo”. Além de terem me auxiliado na tradução e edição desse projeto.

Ao cantor e compositor Emicida, que através de suas músicas e letras inspiradoras me fizeram pensar muito sobre a importância da minha formação, de ter um diploma, não só pelo meu crescimento acadêmico e profissional. Mas pelos meus ancestrais, meus familiares, meus pais que não tiveram a mesma oportunidade, e por todas (os) que nasceram em uma periferia e superaram o ensino sucateado e chegaram até aqui. Então deixo aqui o trecho que me ajudou a seguir:

Ai maloqueiro, ai maloqueira, levanta essa cabeça.

Enxuga essas lágrimas, certo?

Respira fundo e volta pro ringue

Cê vai sair dessa prisão

Cê vai atrás desse diploma

Com a fúria da beleza do Sol, entende?

Faz isso por nós,

Faz essa por nós

Te vejo no pódio.

(EMICIDA et. *Amarelo*. São Paulo, 2019. 08:54 min.)

*Não sei se a
vida é curta ou longa para nós,
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas.*

Muitas vezes basta ser:

*colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silencio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que acaricia,
desejo que sacia,
amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.*

*É o que faz com que ela não seja
nem curta, nem longa demais,
mas que seja intensa, verdadeira,
pura enquanto durar.*

*Feliz aquele que transfere o que sabe
e aprende o que ensina.*

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal demonstrar a importância da confecção de materiais didáticos por discentes bilíngues em Libras ou acessíveis. Relato a experiência da concepção, criação e finalização de um livro, demanda da unidade curricular “Linguagens e Educação: visualidade, corpo e arte” do terceiro semestre do curso de Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC. O livro intitulado “Para você sonhar”, narra a vida de uma garotinha surda que ama dançar, a inspiração para a criação do livro, foi baseado em uma história real de uma adolescente surda, aluna do Ensino Médio do campus IFSC Palhoça Bilíngue. Além de expor o desenvolvimento desse material didático escrito, o trabalho visou também demonstrar o passo a passo do processo de produção de um vídeo arte que compõe a tradução do livro em português para Libras, disponibilizando de forma visual dentro da língua de sinais, para que os sujeitos surdos possam ser contemplados não só na representatividade de uma produção textual voltada para eles, como também poder acessar esse material em sua primeira língua. Para a sistematização metodológica, escolheu-se a Pesquisa Narrativa. Essa abordagem procura estabelecer relações entre as ações do pesquisador refletindo sobre a sua prática, sua vida e suas experiências como educador e como pessoa. Adotou-se o aporte teórico de pesquisadores como Faro (1998); Campello (2008); Clandinin & Connelly(2015); Galasso (2018) dentre outros. Concluiu-se através do desenvolvimento desse projeto que a comunidade surda ainda não é inteiramente contemplada dentro das redes de ensino com materiais que valorizem sua individualidade linguística e cultural, e que a mudança dessa realidade dentro da educação de surdos se torna uma atividade indispensável para os profissionais pedagogos bilíngues, a fim de proporcionar um ensino mais completo em sua totalidade, que abrange parâmetros além do ensino em sala de aula.

Palavras-Chave: Educação bilíngue, Comunidade surda, Libras, Dança, Livro infantil, tradução, Pedagogos, Materiais didáticos, Materiais bilíngues, Libras e dança.

ABSTRACT

Keywords: The present work of conclusion of course has as the main objective to demonstrate the importance of preparation of didactic materials by students and also bilingual professors in Libras who already work as education professionals or who are in the process of becoming. Bringing through this exposition of the history of dance and its influence on human life, as well as the process of production of a children's history book, of my own authorship, which was elaborated aiming as an audience target the deaf community focused mainly on deaf children and young people, who are in schooling process. The book entitled "For you to dream" tells about a little deaf girl who loves to dance, the inspiration for the creation of the book, was based on a true story of a deaf teenager, high school student at the IFSC Palhoça Bilíngue campus. In addition to exposing the development of this written didactic material, which seeks in its essence to encourage the reading of deaf students, the work also aimed to demonstrate the step-by-step process of producing a artistic video that composes the translation of the book from Portuguese to Libras, making it available visual within sign language, so that deaf subjects can be contemplated not only in representativeness of a textual production aimed at them, as well as being able to access this material in your first language. It was concluded through the development of this project that the deaf community is still not fully contemplated within the teaching networks with materials who value their linguistic and cultural individuality, and that changing this reality within deaf education becomes an indispensable activity for bilingual pedagogue professionals, the in order to provide a more complete teaching in its entirety, which covers parameters beyond the teaching in the classroom.

Keywords: Education, Libras, Dance, Children's book, translation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mãe e filha em outro planeta.....	35
Figura 2 - Garotinha surda e sua conexão com o mundo.....	36
Figura 3 - A dança surda e a sociedade ouvinte.....	37
Figura 4 - Comunicação em Libras entre mãe ouvinte e filha surda.....	38
Figura 5 - Apresentação de dança no aniversário da galáxia.....	39
Figura 6 - Teste de edição.....	45
Figura 7 - Processo de Edição.....	46
Figura 8 - Processo de gravação do vídeo de dança.....	46
Figura 9 - Edição finalizada.....	47
Figura 10 - Vídeo de dança editado.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFSC	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LGBTQIAP+	Lesbica, Gay, Transgenero, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, +

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: um sonho que se sonha junto.....	11
1. SONHAR DE DENTRO PARA FORA: produção de um livro para surdos, surdas, surdez.....	15
1.1 SONHO PALPÁVEL: processo criativo do livro.....	19
2. “PARA VOCÊ SONHAR” - Sinalizando dança e arte.....	23
2.1 DANÇANDO NO TEMPO: uma brevíssima história da dança.....	23
2.2 DANÇA DA RUA PARA A ESCOLA: percurso legislativo.....	26
3. PESQUISA NARRATIVA: uma metodologia para sonhar.....	29
3.1 SONHO VIVIDO: Relato sinalizado de Evelin Domingos Vieira.....	30
4. PARA VOCÊ SONHAR.....	35
4.1 PARA VOCÊ SONHAR: sinopse, diálogos e fantasias.....	35
4.2 PARA VOCÊ SONHAR: sonhos em forma de imagens.....	35
4.3 PARA VOCÊ SONHAR: processo de tradução imagens com movimento.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: sonhando acordada.....	50
6. REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO: um sonho que se sonha junto

Qual o tamanho do seu sonho? Qual o tamanho do meu sonho? Sim sou do tamanho do meu sonho e como diria Fernando Pessoa, “[...] tenho em mim todos os sonhos do mundo”¹ (CAMPOS, 1951,p.65-67) trecho do poema “Tabacaria” escrito em 1928, sob o heterônimo de Álvaro de Campos. Assim como o renomado escritor, sou muitas *Anas* e ousei sonhar.

“Para você sonhar” é um respiro, é um alento, é também a representação de minha ousadia de escrever sobre dança, sobre produção de um livro, sobre educação de surdos.

No primeiro capítulo relato a experiência de uma das disciplinas que participei enquanto educanda do curso, a qual foi trazida a proposição de elaboração de um livro para crianças e jovens surdos, que busca-se contemplar a essência da cultura surda e suas particularidades dentro dessa produção, proporcionando não só representatividade para esses sujeitos a partir da narrativa que seria elaborada, como também proporcionar pertencimento a cultura literária.

Para iniciar essa produção textual, busquei encontrar no próprio campus do IFSC Palhoça Bilíngue alguma história real, que pudesse inspirar esse processo de confecção do livro infantil para crianças surdas. Após um período de muitas trocas e conversas com alunos pude conhecer a mãe da Evelin Domingos Vieira, ambas educandas do campus, e nesse diálogo com a mãe da Evelin acabei descobrindo que sua filha era uma pessoa surda e que a mesma amava dançar.

A partir dessa troca a inspiração para o desenvolvimento da história do livro: *Pra você sonhar*, se iniciou. Além de apresentar uma produção textual que apresentaria de forma lúdica a realidade da comunidade surda, também busquei acrescentar também perspectivas sobre diversas realidades que pude presenciar e vivenciar durante minha vida. E partindo dessa iniciativa, desenvolvi a narrativa que trouxe a história de uma mãe ouvinte, jovem e solo, que descobre logo ao nascimento de sua filha que ela era surda, onde ao longo dos anos em que essa garotinha foi crescendo e desenvolveu um amor pela dança, e sua mãe a fim de mostrar o talento de sua filha para sua sociedade, e pensando em contribuir para o sonho da garotinha de se tornar uma dançarina famosa, consegue organizar uma apresentação especial para sua filha.

A história do livro se passa fora da terra onde as personagens vivem em “planetinhas”, e sua sociedade em questão é composta por outros “seres” não humanos, apresentando um universo alternativo que se passava em uma galáxia. Após a produção do

¹ CAMPOS, Álvaro de. Poesias. Lisboa: Ática, 1951.

livro físico, o mesmo foi impresso e apresentado em sala de aula para os demais alunos da disciplina.

Após esse primeiro momento de confecção e apresentação do livro dentro da disciplina, surgiu a ideia que essa mesma produção confeccionada em português a fim de contemplar a comunidade surda dentro da literatura infantil em um âmbito linguístico geral, poderia também se tornar um material didático gravado e acessível em Libras. I

A partir dessa reflexão sobre a tradução desse material confeccionado de forma literária, iniciei o processo de tradução do livro em português para Libras, onde todo o texto foi redigido documentalmente em formato de “glosa”, essa que é uma escrita em português que utiliza a estrutura da língua de sinais, essa estratégia foi aplicada com objetivo de facilitar o processo de gravação. Durante esse processo de tradução foi possível obter muito aprendizado além de trocas valiosas com profissionais tradutores intérpretes que contribuíram a partir de sua perspectiva profissional, dicas e estratégias para a execução da tradução do texto original do livro e a interpretação das personagens dentro da estrutura da Língua de sinais.

Produzi o material gravado em língua de sinais em etapas autônomas, onde narro através desse trabalho os caminhos, e o passo a passo desse processo, apresentando as dificuldades e os sucessos da realização de um material bilíngue para crianças e jovens surdos, enquanto educanda e futura pedagoga bilíngue Libras/Portugues. Após obter o material inteiramente gravado, os vídeos foram encaminhados para a edição.

Durante o momento em que o material estava em processo de edição, organizei com a equipe de edição algumas reuniões onde em conjunto nós concordamos em realizar uma edição com uma proposta diferente, onde eu como intérprete não ficaria em uma posição estática oferecida pela utilização da janela fixa, o objetivo principal era me posicionar em diversos ângulos a fim de que a minha participação na produção fosse mais interativa. Além de usar opções de edição mais dinâmicas, foram acrescentados também alguns efeitos a produção a fim de proporcionar que a magia "cinematográfica" envolvesse mais o público. Com a finalização e aprovação do vídeo, pude então disponibilizar esse material bilíngue de maneira gratuita na plataforma de vídeo e entretenimento online, Youtube.

Dentro do contexto musical e artístico que se situa na narrativa do livro a cerca da dança surda, desenvolvo uma breve contextualização da presença do ato de dançar na história da humanidade. A dança esteve presente na vida humana desde o início das sociedades, a partir dos registros históricos dispostos em cavernas, nos mostram que o exercício dessa prática artística perpetua-se por séculos em nossas vidas, FARO (1998). Podemos mensurar a partir dessa perspectiva que a dança não se limita apenas a junção de passos ensaiados em um determinado estilo, mas ela se expande como uma forma de

expressão artística. A dança ocupa um espaço mais profundo na vida humana, onde podemos alcançar por meio dela a expressão de nossos sentimentos e emoções através dos movimentos executados.

Os movimentos executados no momento da dança são absorvidos e compreendidos pelos comandos enviados através dos estímulos cerebrais ao corpo, que direciona os movimentos corporais de acordo com os estímulos que foram enviados aos membros. Analisando essa perspectiva, é possível repensar a respeito dos conceitos pré definidos sobre as pessoas surdas enquanto dançarinos, refletindo e entendendo que a surdez não proporciona limitações no ato de dançar aos sujeitos surdos, esses que possuem capacidade fisicamente e cognitiva de executar coreografias de maneira igual a um sujeito ouvinte.

Porém foi possível observar dentro da minha vivência ouvinte, que esta perspectiva ainda não se encontra naturalizada plenamente na sociedade ouvinte, que em sua maioria cultiva uma percepção capacitista dos sujeitos surdos, por não possuírem corpos “normativos”, de “acordo” com a ideologia padronizadora de quais corpos podem ser, e estar em determinados ambiente, e quais pertencem àquele meio.

A desconstrução dos conceitos pré estabelecidos na sociedade a respeito de corpos não “normativos”, se constitui em uma ação necessária e recorrente de novas reflexões a fim de compreender com clareza a diversidade humana. Onde o levantamento de mais discussões a respeito da comunidade surda e seu envolvimento com as artes rítmicas, como também as oportunidades da participação desses sujeitos no meio artístico, a fim de poderem se expressar demonstrando suas emoções através de qualquer manifestação artística, incluindo a dança constitui-se como uma atitude imprescindível para os profissionais que buscam atuar dentro das áreas que envolvem a comunidade surda, principalmente no setor educacional bilíngue.

Ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa foi possível observar, que existe uma área de investigação acadêmica e práticas que envolvem a dança como uma área artística possível na comunidade surda. Mas mesmo com um desenvolvimento positivo de estudos sobre a dança e os sujeitos surdos, enquanto futura profissional da educação bilíngue percebo que a produção de mais pesquisas dessa temática, compõe parte do meu papel enquanto sujeito pertencente a comunidade. Onde através desse desenvolvimento acadêmico é possível oportunizar espaços em sala de aula, onde os alunos surdos possam se identificar e se enxergarem como corpos pertencentes a todos os ambientes da sociedade.

Essa ação de identificação da comunidade surda em relação ao seu espaço enquanto sujeito pertencente à sua sociedade geral, deve iniciar-se dentro das redes de ensino. Onde através da abertura de diálogos os alunos podem aprender não só os

conteúdos disciplinares, como também expandir seus pensamentos a respeito de seus desejos, sonhos e futuro. Porém entendemos também que na educação tradicional em espaços de inclusão, os alunos surdos em muitas situações escolares não são atendidos de maneira plena dentro do sistema educacional. Que vem fornecendo atualmente professores bilíngues em Libras/Português e tradutores dentro das salas de aula, sendo um ponto positivo para vida desses alunos matriculados, mas os materiais dispostos para o auxílio do aprendizado das pessoas surdas, se constitui em sua grande maioria em conteúdos escritos totalmente em português, com poucos recursos visuais que possam ilustrar de maneira mais didática os significados dessas temáticas dentro das perspectivas visuais dos alunos.

Entendendo essa realidade nas redes de ensino e educação, é possível observar que muitos profissionais da educação bilíngue para surdos, desenvolvem o processo de traduzir materiais já prontos a fim de incluir os alunos de maneira mais ativa nas aulas. Entretanto, enquanto educanda no curso de pedagogia bilíngue ao longo dessa trajetória de estudos e vivências foi possível compreender que, a ação de traduzir materiais não se classifica como um processo totalmente eficaz, para que esse aluno se sinta de fato contemplado dentro da sala de aula. Se torna então, uma atividade indispensável para os profissionais da educação de surdos que buscam a evolução de suas turmas o desenvolvimento de materiais que atendam as particularidades visuais e linguísticas da comunidade surda.

Pude concluir e mensurar a partir da elaboração desse projeto que a busca pelo expansão de conhecimentos a respeito da comunidade surda e a produção de material bilíngue para crianças e jovens surdos dentro da rede de educação brasileira, se torna um dos papéis principais a serem exercidos pelo profissional pedagogo bilíngue, que deve carregar consigo a perspectiva de que o ensinar, além de transmitir conhecimentos existentes dentro dos currículos escolares, pode ser vista como uma comunicação multicultural de trocas e aprendizados em conjunto. Onde a pesquisa e a investigação constante a respeito das subjetividades dos sujeitos surdos, se torna um exercício recorrente e permanente dentro da evolução profissional de qualquer educador bilíngue.

Entendo que a partir da junção desses conhecimentos é possível construir uma educação que oportunize aos alunos surdos, nos momentos de seus estudos se sentirem contemplados nas disponibilidades de materiais em sua língua, esses que buscam respeitar sua identidade visual, abrangendo dentro das produções também, sua cultura e as formas que esses sujeitos se identificam no mundo. Nesse sentido a confecção do livro escrito e gravado: *Para você sonhar*, auxiliou no meu crescimento pessoal enquanto mulher parda ouvinte, cidadã, educanda e futura profissional da educação bilíngue Libras/Português, compreendendo durante o decorrer desse processo que a comunidade surda merece um olhar educacional que os aconchegue, e compreenda que sua identidade precisa estar

representada dentro de todos os espaços sociais, demonstrando a grandeza e o potencial que pessoas com corpos não “normativos”, pode alcançar quando são estimulados e incentivados de uma maneira que os permita olhar para além das barreiras, que as pessoas com corpos “normativos” impõem para esses sujeitos.

1. SONHAR DE DENTRO PARA FORA: produção de um livro para surdos, surdas, surdez

Como iniciar um projeto, por onde iniciar, quais as referências, o que escrever? Convivi com algumas destas questões ao longo de alguns meses, para a produção desta pesquisa de trabalho de conclusão de curso, e a resposta veio: o que me ao longo desta graduação tocou meu coração? Foi a produção de um material didático, que conseguiu fazer a ponte para além dos muros da universidade.

A produção de material didático realizada através da elaboração, tradução e registro do livro: *Pra você sonhar*, em formato de vídeo e disponibilizado em uma plataforma online e gratuita chamada Youtube, no período de discente do curso de pedagogia bilíngue Libras/Português, foi um grande desafio acadêmico. Durante o período como educanda do curso, as atividades que me foram propostas voltavam-se para a construção da perspectiva educacional do ensino bilíngue de crianças e jovens surdos, essas que obtinham um direcionamento teórico voltados ao desenvolvimento de saberes para a academia, onde pude sentir falta dos espaços direcionados às discussões mais profundas sobre o sujeito surdo, que poderiam inspirar-me a encontrar diversificados caminhos, que auxiliam também na construção de materiais significativos para a comunidade surda e a atuação no bilinguismo educacional.

No meu período de formação de professora bilíngue, as interdisciplinas do curso buscavam conceituar o uso da língua de sinais em salas de aula como forma de incluir os alunos surdos de maneira mais efetiva, além do incentivo de propor atividades que são adaptadas para esses sujeitos. Porém pouco se trouxe para incitar discussões e resoluções a respeito do papel educacional de professores criadores de materiais que sejam voltados inteiramente para os sujeitos surdos, um material que contemple uma perspectiva viso espacial da comunidade surda.

O campo de pesquisas sobre o desenvolvimento desse tipo de material para surdos cresceu ao longo dos anos, mas ainda existem muitos espaços a serem explorados e conceituados acerca de como se desenvolver o ensino bilíngue para surdos, e dentro desse processo de pesquisa e entendimento da área me perguntei diversas vezes, qual de fato é papel do pedagogo? Quais exercicios precisaremos tomar como primordiais dentro da nossa trajetória profissional, para atender a comunidade surda com respeito a sua cultura?

Pude observar durante minha vivência acadêmica, que as discussões sobre materiais para surdos são pertinentes, sempre desenvolvia-se um discurso sobre a falta desses recursos para a execução do ensino bilíngue, porém pouco se falou sobre a

importância do profissional pedagogo bilíngue executar o papel atuante, de se tornar um produtor ativo desse conteúdo, que estaria disposto como suporte dentro de seu trabalho em sala de aula. A baixa frequência de estímulo para a produção de materiais didáticos voltados para o bilinguismo, proporcionou com que sentimentos a respeito do receio de produzir, ou como realizar essa produção foram as aflições que acompanharam minha trajetória acadêmica, onde em momentos de pesquisa de materiais que pudessem embasar minhas produções percebia que em mim se encontrava um despreparo sobre como iniciar e encontrar assertivamente esses recursos documentais.

Nesses espaços de pesquisa e elaboração de atividades voltadas a confecção de materiais didáticos bilíngues, os recursos mais acessíveis para inspiração eram de produções que foram adaptadas para os surdos, porém já havia construído um entendimento sobre a adaptação de materiais sem a representatividade como fundamento, sem a essência da cultura surda, não contemplavam o aprendizado que eu buscava aplicar, entendendo que essas produções eram acessíveis em libras, entretanto não eram inclusivas, pois a base de sua produção era fundamentada na perspectiva ouvinte.

Como pessoa ouvinte dentro da minha vivência enquanto educanda, sempre busquei no momento de produção didática referências e direcionamentos a partir das perspectivas das pessoas surdas, a fim de compreendê-los com mais plenitude dentro de suas subjetividades, esse diálogo ativo e recorrente com os surdos acadêmicos que se encontravam no meu ciclo social, foi essencial para construção de uma perspectiva “surda” dentro das minhas limitações ouvintes no momento das confecções desses materiais.

Pude compreender que o olhar analítico e empático, a respeito das necessidades dos sujeitos surdos nos momentos de pesquisas e investigação documentos que embasam o desenvolvimento e elaboração de materiais, e recursos necessários para execução de uma educação bilíngue, se classifica como um ponto crucial para produzir materiais didáticos que talvez não encontraremos dispostos para atender esses sujeitos dentro de seu processo educacional.

Embasada nessa perspectiva construída através da vivência, quando a proposta de elaboração de um livro infanto-juvenil para o público surdo surgiu na disciplina “Linguagens e Educação: visualidade, corpo e arte” no terceiro semestre chegou para mim como atividade disciplinar, acompanhada de um longo diálogo sobre a falta de conteúdo acessível para os alunos, pela proposta trazida pude compreender que não era apenas um trabalho para disciplina, mas sim um incentivo para iniciarmos uma atuação ativa na criação de materiais didáticos para comunidade surda enquanto futuros profissionais da educação bilíngue. Neste sentido, Campello (2008, p. 128) esclarece que:

Aspectos da visualidade na educação de Surdos, ou pedagogia surda é assim denominada considerando-se que a mesma pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender.

Além da compreensão acerca da importância de elaborar materiais didáticos bilíngues, durante o desenvolvimento da confecção do material, realizei investigações e pesquisas a respeito das necessidades dispostas na educação da comunidade surda, buscando a partir dessa produção alcançar impactos positivos nesse ensino, a partir da entrega de um material que contemple aspectos como a subjetividade visual desses sujeitos, juntamente com uma narrativa que aborda-se de maneira ilustrativa, as características e vivências da comunidade surda.

Buscando abranger uma diversidade de elementos para compor a elaboração desse projeto, utilizei como estratégia o diálogo e a conversação com pessoas surdas reais, a fim de conhecer suas histórias e encontrar uma inspiração para a criação do livro, como também acrescentar características da sociedade brasileira para trazer além do mundo abstrato mundo dos livros, vivências verdadeiras com objetivo de oferecer identificação e representatividade para crianças e jovens surdos. O livro então narra a história de uma garotinha surda que ama dançar, a personagem vive fora da terra, em uma galáxia onde um “planetinha” referencia sua casa, a garotinha mora que sua mãe uma mulher ouvinte, sua sociedade é representada por seres não humanos.

Na trama, além da imaginação, busquei dispor para os leitores um pouco da realidade vivida pela comunidade surda, onde esses sujeitos em muitas situações são desacreditados e desmotivados pela sua sociedade a explorarem atividades classificadas como parte do “mundo” ouvinte. Nesse contexto, minha inspiração para a elaboração do livro foi a história real de uma adolescente surda que conheci, essa que desde de pequena tinha uma paixão pela dança, e também pode ser contemplada com um apoio significativo de sua família que incentivou o seu desenvolvimento enquanto dançarina surda. Sobre esta questão não existe um único “ser surdo”,

O “ser surdo” não supõe a existência de uma identidade única e essencial a ser revelada a partir de alguns traços comuns, sistemáticos e universais presentes em todos e em cada um dos surdos. As rápidas e profundas transformações culturais, sociais, econômicas e políticas dos últimos tempos vêm produzindo significados diferentes em relação aos estereótipos sobre a surdez e, mais especificamente, sobre as identidades surdas (SKLIAR, 2001, p.99)

Os corpos não “normativos” dentro de uma sociedade que busca a padronização de corpos, costuma direcionar esses sujeitos a “caixinhas” que os classificam como um grupo único, inteiramente idêntico por suas particularidades que os tornam “diferentes”, e essa mesma sociedade busca estabelecer para os grupos suas possibilidades e limites de participação social. Porém em todos os grupos sociais contemplam uma subjetividade individual de cada sujeito, essa que diz respeito à identidade particular dos mesmos relacionada à identificação pessoal com as características que as pessoas julgam como condizentes com suas trajetórias e experiências de vida.

Nesse sentido é possível observar que dentro da comunidade surda cada sujeito pertencente possui uma identidade particular, que se conecta com sua identificação pessoal enquanto ser humano, busquei então representar esse olhar mais profundo a respeito das perspectivas individuais dos sujeitos surdos, através da identificação dos gostos e necessidades das crianças e jovens surdos dentro da literatura. A pesquisa tinha como foco compreender quais tipos de ilustrações e escrita encaixavam-se com o público alvo.

Durante esse processo investigativo para iniciar o planejamento da criação do material, foi possível analisar que a maioria dos conteúdos disponíveis para os alunos surdos na rede de educação, não contemplavam a comunidade surda de forma plena. Sendo em sua grande maioria conteúdos escritos inteiramente em português, com poucos recursos imagéticos e ilustrados, os que contemplavam alguma acessibilidade eram materiais traduzidos e gravados em Libras. Entretanto, a tradução de um conteúdo escrito para língua de sinais, em formato gravado ou apresentado presencialmente não se classifica necessariamente como um material bilíngue. Pois o bilinguismo está envolto de características além da tradução de um idioma para o outro, precisa estar presente nessa produção a cultura da comunidade que será o público alvo da realização, como contemplar também as suas subjetividades, relatos suas de vivências, os desafios enfrentados por esse grupo, os sonhos individuais e coletivos dessa pessoas, as barreiras diárias que esses sujeitos enfrentam, devemos se atentar que as pessoas que receberam essa produção possa se sentir de fato representada, nos conteúdos que foram elaborados e apresentados a eles.

Pensando no cenário educacional de crianças e jovens surdos, enquanto pedagoga em formação pude compreender como a produção de materiais bilíngues para alunos surdos, se tornaria uma atividade essencial para execução de minha futura atuação enquanto profissional da educação, e que nesse preparo de conteúdos desenvolver também um olhar empático de como a elaboração de projetos que contemplem a representatividade da identidade desses sujeitos, e toda sua pluralidade pode trazer resultados positivos e significativos para a vida desses alunos.

Em concordância com as perspectivas adquiridas ao longo dos estudos sobre bilinguismo e a prática pedagógica, a partir da elaboração em português livro: *Para você sonhar*, seu texto escrito foi traduzido inteiramente para Libras e gravado em formato de vídeo. Nessa produção visual da história, busquei explorar todos meus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos como educanda pesquisadora, com intenção de atender as necessidades da comunidade surda durante a execução desse projeto, inserindo uma personagem surda em um ambiente de musicalidade e dança, local que socialmente é visto como lugar para ouvintes, demonstrando assim de forma lúdica que os surdos são sujeitos capazes de estar em todos os lugares, ocupando todos os espaços.

1.1 SONHO PALPÁVEL: Processo criativo do livro

A elaboração e confecção do livro: *Para você sonhar*, partiu da iniciativa de uma atividade disciplinar do curso de Pedagogia Bilíngue Libras/Português, nessa atividade nós discentes precisávamos desenvolver um projeto de um livro infanto-juvenil, e confeccionar de maneira autônoma esse material, onde crianças e jovens da comunidade surda fossem representadas e contempladas. A ideia principal era desvincular nessa produção os pensamentos e ideologias da perspectiva ouvinte sobre o que deve ser produzido para educação de surdos, como por exemplo, apenas acrescentar um personagem surdo e com isso acreditar que esse público esteve bem “representado” dentro daquele livro.

Dessa maneira o desafio era investigar e aplicar os aprendizados acerca da comunidade surda, implementando na execução dessa atividade a vivência desses sujeitos, sua construção de cultura, subjetividade, onde fosse possível atingir através da leitura desse livro a essência da identificação de estar sendo representado nesta obra.

Buscando atender esses parâmetros, procurei registrar no desenvolvimento da atividade os aprendizados sobre a educação de surdos e a cultura surda obtidos até aquele momento no curso, como também a essência dos meus ideais, enquanto mulher parda, LGBTQIAP+ estudante e pesquisadora. A representatividade das minorias sempre esteve presente nas minhas produções enquanto acadêmica, os projetos e escritas que desenvolvi ao longo da minha trajetória dentro instituição do IFSC Palhoça Bilíngue, sempre buscavam fornecer espaço de visibilidade aos para que a minoria fosse vista e analisada a partir de novas perspectivas. Por isso, escrever em primeira pessoa e estar ciente do tamanho do meu sonho do que me alimenta (corpo e alma) foi tão essencial nesta pesquisa. Como explica Hall (2006):

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas

[...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Ao surgimento da proposta da confecção de um livro infantil para comunidade surda, iniciei uma busca por inspiração dentro das realidades das pessoas surdas que faziam parte do campus IFSC Palhoça Bilíngue, e na minha trajetória como pessoa, as muitas Anas. Foram muitos dias de observação dos estudantes e professores surdos, diálogos sobre suas vivências do dia a dia, seus sonhos e desejos antigos, atuais e futuros, investigando como se passou as experiências da infância desse grupo. Entender onde e quando as vivências e sonhos de surdos e ouvintes se cruzavam, e como essas histórias poderiam fornecer as informações necessárias para encontrar uma inspiração, que desse luz ao início da produção do meu livro para comunidade surda.

Nesse período de investigação para encontrar a inspiração para o livro, em um dia desprezioso, durante meu percurso diário de ida e volta ao campus, acabei conhecendo a mãe da Evelin Domingos Vieira, e em uma de nossas conversas sobre estudos, pesquisas, comunidade surda, e vivências do dia a dia, ela comentou comigo que sua filha era uma pessoa surda, que amava dançar, e estudava conosco no IFSC cursando o ensino médio. Interessada em conhecer mais dessa história que havia me despertado uma curiosidade mais profunda sobre essa família, busquei entender com a sua mãe como era a relação com a sua filha, como se dava a interação entre dança e música com uma adolescente surda, pois nesse momento o tema era uma novidade para mim, desconhecia a existência de dançarinos surdos.

Após essa longa conversa, naquela mesma noite em reflexão sobre todo meu amor pela música e a dança, e repassando em minha mente toda a história que me foi contada, eu e minha pesquisa entendemos que aquela história era a inspiração para elaboração do projeto do livro. Dois dias após o diálogo com a mãe da Evelin, iniciei a escrita do texto do livro, buscando trazer uma essência realista sobre as vivências dos sujeitos surdos, como também das famílias brasileiras, e as minhas paixões expressas ali: arte, dança, comunidade surda.

Minha ideia central a partir da criação da história, era de incentivar e inspirar crianças e jovens surdos de que seus corpos poderiam estar inseridos em todos os ambientes que desejassem, e que a partir dessa leitura os mesmos pudessem se permitir e imaginar seus futuros em diversos ângulos, e também entender que todos os sonhos podem se tornar realidade seja você surdo ou ouvinte.

Além da perspectiva motivacional que procurei inserir no livro, busquei descrever também um pouco da trajetória da Evelin e seu desejo de ser uma dançarina surda reconhecida, e as idealizações capacitistas da sociedade para com os sujeitos surdos. Neste sentido é importante entender o sujeito surdo (de forma identitária) e a visão de surdez. Quadros (2004) faz a distinção dos termos surdez e surdos. Para a autora:

[...] surdez consubstancia experiências visuais do mundo. Do ponto de vista clínico comumente se caracteriza a surdez pela diminuição da acuidade e percepção auditivas que dificulta a aquisição da linguagem oral de forma natural. Surdos - São as pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais (QUADROS, 2004, p.10).

Nesse sentido, torna-se imprescindível demonstrar através das produções de materiais bilíngues os elementos, que compõem as características culturais dos sujeitos surdos envolto de suas particularidades visuais. Buscando contemplar de maneira ilustrativa para sociedade como as pessoas surdas identificam o mundo em que vivem, como também sua maneira de interagir com o mesmo, através de seus contextos e experiências enquanto sujeitos construtores de suas narrativas por meio da visualidade.

Com objetivo de simbolizar essa perspectiva de mundo construído através da comunicação visual entre os surdos e o mundo, foi realizada uma pesquisa acerca das relações e os significados criados dentro da comunidade surda, a respeito do seu diálogo das experiências com a sociedade ouvinte, e suas conexões entre sociedades através das vivências de serem brasileiros.

A criação da parte escrita embasada na construção das perspectivas acima, levou cerca de oito dias para ser desenvolvida, onde procurei encontrar uma forma de representar um pouco da brasilidade dentro dessa produção, resolvi então inserir nas personagens humanas os cabelos crespos que retratam a maior parte da nossa população, como também a atuação na maternidade solo, vinda de uma mãe jovem.

A gravidez na adolescência e a responsabilidade que acompanha o processo dessa vivência, onde em muitas situações segue de maneira solo, foi uma realidade que acompanhei de perto, dentro da minha família com minha mãe e tias, como também no ensino médio, na universidade, tive a oportunidade de acompanhar a experiência dessas mulheres fortes e incríveis, e poder retratá-las dentro de um livro infantil, onde muitas dessas mães poderão ler e contar para seus filhos, foi muito significativo e empoderador para mim enquanto mulher.

Após a escolha dos elementos que iriam compor a história iniciei a criação do enredo fantasioso da narrativa, todo esse processo de desenvolvimento do texto foi acompanhado pela orientadora da disciplina, que trazia opiniões valiosas para complementar e enriquecer o enredo. Ao finalizar a história, o texto foi levado para sala de aula para que fosse aprovado pela orientadora, e com a validação da escrita, dei início logo a seguir ao desenvolvimento das pesquisas por ilustrações de livros infantis, com intuito de entender qual estilo de desenho poderia ser desenvolvido no projeto.

Entre os livros que pesquisei e analisei, e os que foram trazidos à sala de aula pela orientadora da disciplina, a fim de colaborar para que a criatividade fosse aflorada na turma, acabei me inspirando para confecção do livro: *Para você sonhar*, com a utilização dos livros que continham um conceito ilustrativo minimalista.

Investiguei mais a fundo sobre o conceito minimalista de ilustrações infantis e como seria o processo de desenvolver esse tipo de desenho de maneira manual, além de entender como deixar a criação bela e significativa usando poucos traços e detalhes. Desde minha infância sempre tive interesse por desenho, e estudava muito sobre o assunto, entretanto o estilo que costumava desenhar nesse período, era um estilo de desenho voltado ao realismo, riquíssimo em detalhes sendo um grande desafio desvincular todo um conhecimento adquirido ao longo do anos para um formato de arte que compõe o mínimo, dos recursos utilizados em um desenho realista comum.

Com traços mais simples e delicados, iniciei um processo de desconstrução dos meus conhecimentos sobre desenhos, aprendendo e construindo um novo momento de desenvolvimento artístico para poder elaborar as ilustrações do meu livro infantil. Busquei então nas ilustrações dar luz a imaginação das crianças e jovens surdos acerca do enredo da história, onde os desenhos foram desenvolvidos inteiramente em lápis e canetas brancas e prata, utilizando um papel de tom preto. As personagens humanas não foram pintadas com colorações que definiam alguma tonalidade em suas peles, deixando-as livres para serem de qualquer etnia que o leitor percebesse dentro de sua idealização identitária, no momento da leitura.

Toda a produção imagética, também contou com a presença da orientadora da disciplina, onde discussões e conversas sobre a produção me trouxe orientações incríveis para confecção e elaboração desenhos que seriam dispostos no livro, e durante esses diálogos tivemos a ideia em conjunto de que a história se passaria no fora da terra sendo narrada diretamente em uma galáxia, já que eu havia decidido desenvolver essa criação em papel de cor preta.

Após decidir o estilo de desenho e os elementos que complementariam as ilustrações, iniciei o processo de criação artística das páginas do livro. Os materiais utilizados foram: papel cartão de tom preto, canetas brancas, prateadas, lápis branco e tinta

de cor branca, a utilização dessas cores tinham o objetivo de ressaltar a ideia de galáxia, como também permitir que as ilustrações pudessem tomar formas e cores de acordo a perspectiva visual do leitor.

O manuseio desses materiais foi bastante complexo, pois levavam um certo tempo para pigmentar a cor de caneta branca no papel cartão preto, levando em consideração essas particularidades do material utilizado, eu apenas conseguia realizar duas páginas do livro por dia, e logo no dia seguinte realizava um processo necessário de retoques, nessas páginas para que a cor ficasse viva e evidente. Como a história se passava no espaço, pesquisei muitas referências reais do céu para fazer com que as estrelas desenhadas no ambiente ilustrado do livro onde as personagens viviam, passa-se uma ideia mais realista de realmente estarem fora da terra.

Foi um processo longo e bem exaustivo fisicamente e psicologicamente, pois além da elaboração e confecção do livro, enquanto acadêmica eu possuía outras disciplinas do curso que exigiam meu tempo de estudo e dedicação. A produção das ilustrações do livro levavam uma média de cinco a seis horas de trabalho contínuo por dia, ocupando parte significativa da minha rotina diária, esse processo durou cerca de quinze dias de confecção.

Após a conclusão de todas as páginas o livro foi inteiramente escaneado e configurado em formato de slides, e nesse processo toda a parte escrita pode ser inserida e organizada em coerência com as ilustrações, dando vida ao livro. Também foi adicionado uma descrição final sobre mim, autora e ilustradora da obra, essas etapas finais de digitalização e encadernação foram necessárias para que a produção pudesse ser apresentada em sala de aula para a turma de pedagogia bilíngue Libras/Português.

2. “PARA VOCÊ SONHAR” - Sinalizando dança e arte

2.1 DANÇANDO NO TEMPO: uma brevíssima história da dança

Falar de dança é falar de movimento, é falar da história da humanidade, é falar da minha história. Segundo Faro (1998) a dança é uma das manifestações de expressão humana mais antigas do mundo, ao certo não é possível datar com exatidão em que período se iniciou a prática de dançar. Relatos históricos demonstram que as civilizações pré-históricas que habitavam em cavernas, registraram em suas paredes momentos em que é possível identificar pessoas dançando em possíveis rituais de suas crenças.

Ao longo dos séculos a dança foi incorporada dentro das sociedades e era parte de seus atos religiosos, em muitas dessas sociedades as danças ritualísticas ficavam restritas apenas para seus sacerdotes que conduziam todas as cerimônias voltadas principalmente para o agradecimento pelas colheitas, celebravam também casamentos, nascimentos, momentos de guerra e confrontos e todas as datas importantes existentes dentro das comunidades.

Faro (1998) esclarece que com o passar dos séculos as sociedades passaram por diversos processos de desenvolvimento, e essas mudanças impactaram nas antigas restrições sacerdotais sobre as danças, onde em dias de agradecimento aos seus deuses ou celebrações de qualquer natureza, passaram a ser participativas para toda população que começa a ocupar esse espaço juntamente com os sacerdotes, tornando as festividades cada vez maiores, com diversidade nas danças coletivas e mais democráticas.

[...] danças religiosas que pouco a pouco foram sendo liberadas pelos sacerdotes de um culto para que as celebrações - por exemplo de um nascimento, de uma boa colheita - passassem a ser realizadas em praça pública e não mais dentro de templos (FARO, 1998, p. 14).

Por muitos anos da existência da humanidade a dança fez parte de suas vidas religiosas e festivas na grande maioria das sociedades espalhadas pelo mundo, mas em um dado momento da história o surgimento de uma nova religião trouxe algumas mudanças para esse cenário. A Igreja Católica Apostólica Romana chegou ao mundo, e com esse novo surgimento religioso as danças ritualísticas das culturas já existentes nas comunidades espalhadas pelos continentes, passam a ser proibidas de seus costumes tradicionais, através da alegação de pecado cometido sobre o ato de dançar. Faro (1998) explicita que, em outras palavras, os porta-vozes da nova religião taxaram de idólatra e pagão o que era feito nas religiões precedentes.

Após esse período onde o ato de dançar em ocasiões religiosas passa a ser deixado para trás, permanecia na sociedade apenas algumas das danças festivas onde a população se reunia em alguns momentos especiais com objetivo de se alegrar e celebrar.

Em paralelo a proibição das danças ritualísticas dos antigos deuses imposto pela nova religião sobre as populações, a nobreza e seus burgos passam a desenvolver um certo interesse pelas novas danças comemorativas, vistas ainda dentro das aldeias e nos campos dos reinos. O interesse real pela dança popular, de seus súditos acabou aproximando aos poucos o ato de dançar aos grandes castelos, primeiramente como forma de entretenimento para os nobres residentes desses locais, onde reis e rainhas passam a contratar grupos de dançarinos viajantes, para realizarem apresentações culturais e populares em seus palácios.

Os especialistas em danças medievais são praticamente unânimes em apontar que as danças de salão, que floresceram entre a nobreza europeia, descendem diretamente das danças populares. Ao serem transferidas do chão de terra das aldeias para o chão de pedra dos castelos medievais, essas danças foram modificadas abandonando-se o que nelas havia de menos nobre (FARO, 1998, p. 31).

A dança passa então a ser não somente um espetáculo para diversão dos nobres e seus reis, o interesse pela dança se torna mais forte, iniciando assim as primeiras escolas de dança. Com o principal objetivo de aprimorar os passos e trazer para essas danças alguns complementos como o teatro.

A encenação e a dança já desenvolviam uma conexão dentro das danças folclóricas das antigas religiões, onde por muitas vezes eram contadas histórias dentro dessas coreografias a fim de agradecer ou pedir algo aos seus deuses. Não longe disso os nobres da época que começaram a praticar a dança, dentro de seus palácios com novos movimentos incorporaram também o teatro a suas apresentações, narrando em muitas dessas apresentações histórias dos antigos deuses, contando em seus enredos grandes batalhas dos folclore onde reis e rainhas se divertiam interpretando personagens como Apolo e outros grandes deuses das antigas crenças.

Mas não só a atuação estava presente nesse novo processo da dança como também a presença de passos mais elaborados do que o que se era dançado anteriormente, haviam sincronizações diferentes com mais técnicas rígidas de acerto dos movimentos. Os dançarinos e dançarinas passaram então a cada nova coreografia trazerem desafios, ousadia em seus passos encantando e chocando seu público.

Ao longo dos séculos a dança como arte e expressão passou a se espalhar pelo mundo, iniciando diversos processos de adaptação e aprimoração, não só em termos técnicos de movimentos mas também em estilos. Cada país passou a trazer para dança um pouco de sua essência, sua cultura, tomando pouco a pouco formas diferentes em todo o mundo. E os dançarinos dos grandes palcos começam a deixar esses espaços antigos e passam a estar presentes nos teatros, apresentando grandes e luxuosos espetáculos. O desenvolvimento da dança dentro das sociedades, trouxeram novos conceitos sobre o ato de dançar, criando aos poucos os estilos de dança cada vez mais próximos do que conhecemos e dançamos hoje.

2.2 DANÇA DA RUA PARA A ESCOLA: percurso legislativo

Levando em consideração todo o percurso que a dança vivenciou, quando a mesma passou a ser vista como integrante do currículo educacional? Da rua para a escola foi um

percurso com muitos percalços, em alguns casos estava associada à Educação Física. Somente em 1997, quando foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que a dança passa a fazer parte de seu rol de disciplinas. Ainda de acordo com PCNs, os principais objetivos da dança seriam “valorizar diversas escolhas de interpretação e criação, em sala de aula e na sociedade, situar e compreender as relações entre corpo, dança e sociedade e buscar informações sobre dança em livros e revistas e ou em conversas com profissionais” (BRASIL, 1997).

Ao pensar na dança na escola acessível para todos os públicos, e levando em consideração as recomendações dos PCNs, em no registro, em livros e revistas surgiu a questão do material didático.

O material didático nas redes de ensino tem como função principal auxiliar e complementar o processo de aprendizado dos alunos em todos os níveis educacionais. Esses materiais podem ser diversificados de acordo com cada disciplina, partindo desde os livros didáticos e apostilas disponibilizados pelo estado a fim de dar suporte a educação, a recursos tecnológicos disponíveis em sites e plataformas voltadas à área educacional.

A criatividade e a pesquisa são uma das principais premissas para o desenvolvimento e elaboração de materiais didáticos, quanto mais recursos diversos forem utilizados se torna possível contemplar mais assertivamente a diversidade de alunos existente em uma sala de aula, além de proporcionar um ensino dinâmico e divertido para todas as partes envolvidas. Nesse processo se torna válido o uso de todos os tipos de didáticas, sejam elas atividades de movimento físicos, musicais, utilização de jogos desenvolvidos pelo educador ou de tabuleiro, recursos digitais, como plataformas de ensino online que contemplam variadas atividades, jogos online e todos os materiais que imaginação do educador alcançar.

[...] levando em consideração que o livro didático constitui material necessário para o processo ensino-aprendizagem. Porém, o livro não deve ser considerado o como única fonte de conhecimento disponível para o educando, mesmo sendo utilizado didática e corretamente em sala de aula, pois o professor deve ter consciência da necessidade de um trabalho diversificado e, para tanto, é preciso buscar, em outras fontes, informações ou conteúdos que venham a complementar. (VERCEZE, SILVINO. 2008; p.85)

O ensino limitado a livros e poucas atividades diversificadas como, dinâmicas e estratégias tecnológicas atinge a educação em diversos níveis, a falta de interação com a pluralidade de materiais e recursos didáticos de aprendizagem mantém a área educacional engessada nos métodos em que os educandos se tornam apenas receptores de informações passadas nos quadros, e lidas nos livros didáticos, durante toda sua vivência

escolar. Nesse mesmo contexto, muitos dos estudantes com tipos de aprendizagem atípicos acabam não sendo contemplados dentro de metodologias e formas de ensino mecanizadas.

[...]O uso do aprendizado baseado em jogos é uma das várias formas da educomunicação e tem proporcionado o trabalho colaborativo, a interação, a construção de valores e o desenvolvimento de habilidades entre os alunos [...] Professores que utilizam jogos no auxílio da aprendizagem, afirmam que essa ferramenta facilita a assimilação de conteúdo e contribui com o desenvolvimento de estratégias importantes para a aprendizagem, como raciocínio dedutivo e memorização. (PAIVA, Carlos Alberto; TORI, Romero, 2017, p.1052, 1054)

Entre a diversidade existente nos tipos de aprendizagem, os alunos surdos acabam sendo também impactados com o ensino das redes educacionais que por vezes não incluem a língua de sinais ou estratégias imagéticas. Os materiais didáticos disponíveis para esse público em sua grande maioria são inteiramente em língua portuguesa sem muitos recursos visuais. A realidade que percebemos na educação de surdos, no tange a maioria das escolas da rede pública é que estes estudantes surdos estão inseridos nas redes de ensino inclusivas e acabam adquirindo um ensino defasado mediante o não acesso satisfatório de informações em sua língua. O português se constitui como segunda língua dos sujeitos surdos, sendo a primeira língua a Libras - Língua Brasileira de Sinais, um idioma viso-espacial, ou seja, a visualidade acaba se tornando um aspecto primordial no ensino de alunos surdos.

[...] a utilização de materiais didáticos bilíngues ainda é escassa no país. De acordo com Moraes, Scolari e Paula (2013), parte significativa da bibliografia de disciplinas técnicas é desenvolvida somente em Língua Portuguesa, e os alunos surdos contam somente com a exposição da aula interpretada, sem a possibilidade de revisar o conteúdo e estudar a partir de materiais didáticos produzidos em Libras. (GALASSO et al., 2018 p.60).

Alguns materiais que possuem alguma acessibilidade são em grande parte adaptados para o sujeito surdo, e esse tipo de produção por muitas vezes não conseguem atender todas as necessidades de aprendizagem dos surdos, pois esse conteúdo foi somente traduzido para esses sujeitos e não pensados para atendê-los. Dessa maneira os alunos surdos das instituições de ensino inclusivo, acabam obtendo uma aprendizagem defasada de informações que não foram totalmente acessíveis. Segundo STEYER (2020), os materiais para este público são escassos, os professores precisam adaptar e/ou acabam se utilizando de materiais que não condizem com o esperado para o ensino desta comunidade linguística.

Nesse contexto, a elaboração de materiais didáticos produzidos por pedagogos bilíngues Libras/Português, e pensados em uma perspectiva que busca atender os alunos

surdos, se torna um trabalho necessário e indispensável, dentro do cenário educacional de aprendizagem desses indivíduos.

O tema da dança neste material didático vem pela paixão de dançar mas também pela arte. Acima de tudo a arte contemporânea, a dança contemporânea. A arte contemporânea como dialoga Archer (2001)

[...] não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.(ARCHER, 2001, prefácio).

Se não há mais um material específico para a arte contemporânea, não há mais um corpo específico para a dança. Ouso sonhar, que a dança é a arte verdadeiramente para todos, todas e todes. Mas é surdo? Seu corpo ocupa o espaço e dança, e se movimenta. Mas é tetraplégico? Seus olhos bailam alegremente. Dançar é existir, é pertencimento, é ser.

3. PESQUISA NARRATIVA: uma metodologia para sonhar

Para pensar e sistematizar uma metodologia, que pudesse legitimar os meus questionamentos nesta pesquisa, fui buscar a definição de metodologia, no dicionário. Risco (2020) define que metodologia é uma palavra derivada de “método”, do Latim “*methodus*” cujo significado é “caminho ou a via para a realização de algo”. E para traçar este caminho científico, que pudesse abarcar o meu sonho e dar voz a minha voz (assim mesmo em primeira pessoa) escolhi a Pesquisa Narrativa como caminho teórico e metodológico. Assim como Hernández (2017), “[...] o que nos levou à perspectiva narrativa não foi uma moda, mas uma necessidade que reposicionou nosso lugar na pesquisa”. Segundo o pesquisador “[...] a subjetividade não é algo que se “vê” e da qual se fala, mas que se infere, a partir da dúvida, a partir de múltiplas relações” (HERNÁNDEZ, 2017, p.53).

Trata-se de um caminho que enfoca o intuitivo, o subjetivo, o empírico, o olhar sensível. É uma abordagem metodológica que ressaltar o caráter autobiográfico, a das “narrativas do eu”. Faço minhas as palavras de Hernández pois “[...] não se escolhe a metodologia, mas a metodologia escolhe o pesquisador, em função do foco de estudo que adotou” (HERNÁNDEZ, 2017, p.57) E foi assim que fui “escolhida” por esta pesquisa.

Para Clandinin; Connely (2015, p. 74) “[...] a pesquisa narrativa começa caracteristicamente, com a narrativa do pesquisador orientada autobiograficamente, associada ao [...] problema de pesquisa ou questão de pesquisa [...]”. Portanto, irei narrar

este caminho recheado de acasos, me apropriando da narrativa como forma de contar processos e experiências da minha formação pessoal e profissional, de minha atuação nos diálogos entre vida, arte, entre o corpo que dança, entre as mãos que sinalizam. Esta pesquisa expressa uma forma de viver, “[...] é um modo de vida [...] a pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.116).

Hernández (2017) explicita que a Pesquisa Narrativa encontra-se sob um grande guarda-chuva de diversas modalidades de investigação: etnografia, história de vida, relatos biográficos, relatos educativos, narrativas pessoais, documentos de vida, relatos de vida, etno-história, etnopsicologia, etnodrama, pesquisa autobiográfica, autoetnografia, artografia, narrativas do eu e outros. Por se inserir nestas modalidades, passa a ser conhecida também como pesquisa (auto)biográfica, envolvendo o percurso de formação formal, não-formal e informal.

Suarez (2017, p.9) explicita algumas das características que definem a pesquisa narrativa, ou biográfico-narrativa; dentre elas destaca o “pluralismo metodológico” uma vez que se trata da “[...] rejeição de qualquer reivindicação de um método universal e excludente de produção de conhecimentos, e o reconhecimento de uma multiplicidade de formas de construir saber e compreensões científicas”.

Segundo Delory-Momberger (2011), a pesquisa narrativa pode também ser entendida como uma pesquisa (auto)biográfica, serve para dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita (grafia) como uma maneira de resistência e pertencimento. Para a autora “[...] é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida. Desta forma [...] não fazemos narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.341).

Adoto nesta pesquisa as concepções de Pesquisa Narrativa sob a ótica de Clandinin; Connelly (2015, p.32) como um “[...] senso estrito de narrativa como fenômeno sob estudo e um método de estudo”. Para os pesquisadores, é o melhor modo de sistematizar a experiência, uma vez que “[...] o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais. Experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa. Portanto, experiência educacional deveria ser estudada narrativamente” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48-49).

A respeito dos fundamentos desse método de pesquisa, que usa como informações as histórias que os participantes, este tipo de investigação se inscrevem na abordagem qualitativa.

Para Minayo (1994, p. 21-22) a pesquisa qualitativa, considera cada problema um objeto específico de cada pesquisa, para a qual são necessários instrumentos e

procedimentos específicos; desta forma, o fato de ser qualitativa, apenas, não significa ser baseada em um conceito teórico e metodológico unificado. Leva em consideração a subjetividade do pesquisador, “[...] preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...] trabalha com o universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações”.

Para Clandinin; Connelly, (2015) a Pesquisa Narrativa, seguiria alguns termos: pessoal e social (interação, contexto social); relação entre passado, presente e futuro (continuidade; a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam à outras experiências e assim sucessivamente); combinados com a noção de lugar (situação).

Clandinin e Connelly (2015) relatam uma variedade de textos de campo que podem ser utilizados na Pesquisa Narrativa, dentre eles: histórias de professores, escrita autobiográfica, escrita de diários, notas de campo, cartas, conversas, entrevistas de pesquisas, histórias de família, documentos, fotografias, caixas de memórias, artefatos pessoais-sociais-familiares, experiências de vida, diários de pesquisa e histórias orais.

Clandinin e Connelly (2015, p.174) enfatizam que o papel da teoria na pesquisa formalista difere do papel da teoria na pesquisa narrativa. Enquanto os primeiros partem da teoria, os pesquisadores narrativos iniciam suas investigações com a experiência vivida e contada por meio de histórias e posteriormente buscam um arcabouço teórico-metodológico. Os autores esclarecem também que ao escreverem sobre pessoas, lugares e coisas, o fazem na condição de “em transformação”, em movimento; mais do que algo estático, acabado, mas sempre em interação.

A Pesquisa Narrativa faz com que o discente seja ator e autor dos seus relatos, de suas vivências, o que permite que outros discentes acessem os seus percursos pessoais e profissionais, que tenham ciência dos seus sucessos e fracassos, bem como as suas perspectivas sobre ensino e aprendizagem, formação, avaliação, produção e outros. No entanto, além deste registro vivenciado que a Pesquisa Narrativa me permitiu, pensar as produções que foram ocorrendo neste caminhar, neste cotidiano específico, de produção visual, de tradução e da comunidade surda, da arte.

Para registrar as interações da dança com o universo surdo e explicitar quem serviu de inspiração para a personagem principal do livro no processo de criação/adaptação do material didático bilíngue foi realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas com esta bailarina surda, Evelin.

Previamente à apresentação das perguntas, a pesquisadora efetuou um primeiro contato com a Evelin, por meio de uma chamada de vídeo no aplicativo WhatsApp, onde foi brevemente explicado o motivo do contato e a proposta da pesquisa. Atendendo aos critérios de inclusão da pesquisa, a entrevistada convidada a participar da mesma. Na

ocasião, foi feito o agendamento de um segundo encontro, apresentado as perguntas através da plataforma Google Meet. As respostas foram registradas em vídeo em Língua de Sinais, primeira língua da entrevistada, posteriormente traduzidas para a Língua Portuguesa e apresentada novamente para o aceite do texto. Neste segundo contato foram explicados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização para Registro de Imagem (vídeo). Optamos por apresentar todo o relato da Evelin.

Em sua narrativa, Evelin descreveu como se passou seu processo de aprendizagem enquanto pessoa surda, participante de aulas de dança com alunos e professores ouvintes não sinalizantes. Seu desenvolvimento nas aulas aconteceram de maneira muito autônoma, pois a comunicação com os demais presentes nas aulas era dificultosa, dificuldade essa ocasionada pela diferença linguística e a falta de profissionais intérpretes presentes, os passos aprendidos e as atividades exercidas eram passados para ela separadamente de maneira que sua participação no grupo não acontecia de forma ativa e interativa. Essa dificuldade vivida por ela em relação a interação com seu grupo de dança, por questões de comunicação é uma realidade ainda presente na vida dos sujeitos surdos, onde em vários âmbitos, principalmente na dança os surdos são "incluídos" mas de forma excludente onde os mesmos não acabam sendo parte significativa e integrada nos ambientes majoritariamente ocupados por pessoas ouvintes.

Complementando sua fala sobre as barreiras que precisou quebrar para aprender a dançar e ser vista no meio artístico da dança, Evelin aborda que hoje no Brasil não encontramos espaços apropriados para que pessoas surdas possam se desenvolver na dança, tão pouco uma quantidade significativa de surdos que sejam hoje professores de dança para surdos e ouvintes. Seu desejo enquanto dançarina surda, se faz referente ao desenvolvimento no meio acadêmico com diálogos mais abertos em relação a importância da comunidade surda brasileira se tornar mais ativa e participativa na área artística da dança, oportunizando que dançarinos surdos como ela possam estar presentes em grandes apresentações, como também em grupos de dança, e escolas de dança.

Embasada nessa narrativa, é possível compreender que a representação e a presença dos sujeitos surdos em espaços artísticos, como na dança, se faz uma discussão necessária a ser levantada e estudada no campo de pesquisa acadêmica, a fim de contemplar a identificação da comunidade surda em nos mais variados ambientes. E nesse sentido o desenvolvimento deste trabalho se encaixa como uma iniciativa, que disponibiliza a crianças e jovens surdos uma produção que os permite sonhar, e se enxergar dentro da possibilidade de serem dançarinos surdos reconhecidos pelo seu potencial artístico.

3.1 SONHO VIVIDO: Relato sinalizado de Evelin Domingos Vieira

Olá, tudo bem, meu nome é Evelin Domingos Vieira e esse é o meu sinal. Você me perguntou se eu tinha interesse em participar da sua pesquisa de TCC. Então vou relatar um pouco sobre minha experiência de vida relacionada à música e dança, a energia que consigo sentir enquanto estou dançando, principalmente hip hop e outros estilos também. Eu já estudei em escolas de dança gratuitas que eram ofertadas pelo governo na cidade de Criciúma, dancei por alguns anos lá em uma escola privada porém gratuitamente. Como funcionava, eu participei de um grupo de dança, onde tínhamos um professor que nos instrua mas a comunicação era um pouco difícil, pois o professor não conhecia a cultura surda, a comunidade surda, e como eram os sujeitos surdos como eu, e eu era a única surda do grupo, nos comunicávamos por oralização, eu conseguia entendê-lo as vezes, acabava sendo um pouco incômodo, pois algumas explicações sobre como os passos, movimentos eu não conseguia ver muito bem, então acabava por não entender com clareza o que era pra ser feito, mesmo eu tendo uma boa leitura labial. Sempre ao final da aula o professor se dirigia até mim e me repassava toda explicação que já havia dado, então acabou virando um costume nosso, onde ele ao final da aula vinha me explicar o que devia ser feito. Sempre nas aulas eu observava muito, onde eu conseguia absorver os movimentos, para depois treinar os passos até eu decorá-los e conseguir executar sozinha as coreografias de dança. Eu tenho anos de trajetória com a dança, onde já me apresentei diversas vezes, em eventos, participei de oficinas, essa experiência me ajudou a ter algumas ideias no período de isolamento da pandemia do covid-19 onde criei coreografias em casa, mas não me sinto pronta ainda para divulgar e expor elas, achei bacana sua fala sobre a conexão da comunidade surda e a dança, se era uma conexão possível, bom eu não sei ao certo, e como seria eu mostrar isso também. Acredito que só publiquei um ou dois vídeos de dança simples, nada muito elaborado. Em minha trajetória como dançarina, eu sempre sentia as músicas para dançar, mas não através das vibrações do chão, mas sim através de caixas de som. onde eu conseguia sentir as vibrações passarem por todo meu corpo, me possibilitando acompanhar os ritmo das músicas e dançar no tempo certo. Eu amo dançar, é como um vício para mim, desde minha infância até hoje eu nunca consegui parar de dançar, a dança é muito presente na minha vida, e eu já pensei no futuro se deveria fazer alguma graduação de artes ou dança, mas no momento ainda não decidi, mas penso muito sobre ser uma professora de dança surda. Sempre reflito sobre ensinar dança, para turmas de alunos surdos e ouvintes, e claro acompanhada de um intérprete que hoje é um direito para os sujeitos surdos, que eu possa sinalizar tranquilamente e ele (a) me interprete durante as aulas. Então se no futuro eu vou ser professora surda, governamental ou não com aulas para surdos e ouvintes, vai depender das vagas que estarão disponibilizadas até lá, sei o quanto é complexa a disponibilização de vagas para surdos, mas eu não irei desistir de lutar por esse direito. E estou esperançosa de não precisar ser uma simples professora de Libras, e ser depende apenas dessa disciplina, eu quero muito poder ensinar dança e ser a prova de que uma pessoa surda é capaz. E

também sei que não é muito visível mas existem muitos surdos que gostam de dançar espalhados por aí, vejo hoje que no aplicativo tik tok muitos surdos postam vídeos dançando, e eu também gosto de fazer esses vídeos simples de 30 segundos, não gosto muito de gravar vídeos muito longos de dança, claro que consigo dançar por horas, o tempo pra mim dançando não é muito importante pois sou acostumada a dançar desde a minha infância. Acredito que seja importante daqui pra frente entender através de pesquisas para entender a qualidade de dança surda, as possibilidades na área, se vai haver mais aceitação da sociedade, é preciso uma investigação mais profunda, pois aqui no Brasil eu sinto que falta espaços de dança que tenham intérpretes, vemos que os surdos ainda precisam enfrentar essa o barreira de comunicação com os professores de dança, e acabam sendo isolados dos grupos. É uma situação bem difícil onde não há inclusão, e não existe de fato uma interação entre os surdos e os ouvintes, o surdo acaba dançando sozinho durante a aula e depois indo para casa sem poder se conectar com os outros alunos por esse problema de comunicação, gostaria de poder mostrar mais da comunidade surda na dança. Uma dica que dou é estudar um pouco sobre a Gallaudet, escola própria de surdos nos Estados Unidos da América, onde possui muitos surdos e deficientes auditivos dançarinos que fazem grandes apresentações, e podem aprender com professores fluentes em libras que dançam todos os estilo, como hip hop, quando vi fiquei impressionada e pensei que poderíamos fazer dessa maneira aqui no Brasil também, realizando uma proposta de incentivo a dança aqui no Brasil com mais qualidade a Gallaudet é um modelo que poderíamos seguir. Eu já desenvolvi um projeto de dança surda, e penso o quanto é importante que no futuro possamos ver mais surdos dançarinos, dentro e fora da comunidade surda. (VIEIRA, 2022).

4. PARA VOCÊ SONHAR

4.1 PARA VOCÊ SONHAR: sinopse, diálogos e fantasias

Neste livro de minha autoria (concepção, texto e ilustração), trago de forma fantasiosa e ilustrada um pouco da minha relação afetiva com a dança e minha experiência e vivência com a comunidade surda. O livro descreve a história de uma garotinha surda que vive em uma galáxia com sua mãe, essa que é uma pessoa ouvinte, como geralmente acontece com a maioria das famílias dos sujeitos surdos, seus familiares quase sempre são pessoas ouvintes. A garotinha surda possui uma grande paixão pela dança, algo que a acompanha desde muito pequena, entretanto como acontece com muitos surdos na vida real, essa garotinha também enfrentava dificuldades em ser aceita como dançarina por sua sociedade.

Sempre que os outros seres da sua galáxia a via brincando e dançando não entendiam como uma criança poderia dançar sem ouvir. Já sua mãe sempre acreditou no potencial de sua filha e se esforça para que todos tivessem uma perspectiva diferente da pequena garotinha. Então, em uma noite ela elabora um plano para convencer o prefeito de sua galáxia a aceitar a participação de uma dançarina “famosa” nas festividades do aniversário de sua galáxia. Mas o que ele não imaginava era que essa dançarina famosa na verdade era sua filha, porém essa descoberta só acontece no dia da apresentação onde todos da galáxia tem uma grande surpresa.

4.2 PARA VOCÊ SONHAR: sonhos em forma de imagens

No desenvolvimento da primeira ilustração da história busquei representar o momento da descoberta da mãe em relação ao diagnóstico de surdez de sua filha, que é a personagem principal do livro, além de retratar essa vivência entre família, medicina, e surdez, de maneira sutil inseri uma indicação de como se passaria a comunicação entre mãe e filha, onde a pequena garotinha já movimenta suas mãos, para interagir com sua mãe.

A criança com necessidades especiais somente terá um desenvolvimento saudável a partir do compromisso de seus pais de também se desenvolverem, isto é, de assumirem postura e atitude que conduzam também o “crescer” com a criança. Os pais sentir-se-ão obrigados a adaptar-se à condição do filho especial, entretanto é igualmente importante que seja dado à criança oportunidade de também se adaptarem a eles. (BRASIL - MEC, 2004, p.53)

Figura 1 - Mãe e filha em outro planeta



Fonte: De autoria própria (2019)

Nesse sentido, a atuação dos pais enquanto condutores sociais de seus filhos dentro da sociedade em que o mesmo nasce, possui um valor significativo para o desenvolvimento do sentido de pertencimento social desse sujeito. Onde a aceitação familiar da subjetividade da criança surda enquanto pessoa "atípica", dispõe do primeiro passo a ser dado pelos seus familiares a fim de disponibilizar oportunidades para que essa criança em crescimento se sinta acolhida no seio de seu primeiro grupo social. Podendo construir ao longo de sua vida a perspectiva de que esse grupo ocupa um lugar de apoio para enfrentar seus combates diários de maneira mais segura, sabendo que os mesmos estarão ao seu lado em todos os momentos.

Essa seguridade transmitida para crianças em crescimento vinda do meio familiar, se torna um auxílio precioso na identificação de mundo desses sujeitos, principalmente quando falamos de crianças "atípicas", como os surdos, que possuem uma comunicação visual não só através do uso da língua de sinais, mas na forma de entender o mundo em que vive. Onde o envolvimento das famílias no aprendizado e uso da Libras com suas crianças surdas, se torna um passo indispensável para que a mesma possa compreender e estabelecer o envolvimento com seus familiares e entender através da língua de sinais sua identidade de sujeito surdo.

Figura 2 - Garotinha surda e sua conexão com o mundo



Fonte: De autoria própria (2019)

Nessa cena a ideia central foi demonstrar como os sujeitos surdos são capazes de identificar as músicas sentindo-as através da vibração de caixas de som, pisos, paredes, e principalmente por meio do ambiente no qual estão presentes. Procurei representar através dessa ilustração, como a personagem principal, pode sentir as músicas que dança por meio de suas caixas de som onde a vibração que atinge seu corpo, a auxilia a desenvolver seus movimentos acompanhando o ritmo das mesmas. Além de exemplificar a interação entre surdez e musicalidade, elaborei um olhar emocional explorando a magia que as histórias fictícias podem proporcionar, mostrando que a garotinha não sentia apenas as vibrações das notas musicais, ela também era capaz de sentir em seu corpo a “energia” boa vinda das pessoas especiais que cruzam a nossa vida.

Quando há a música, precisamos pensar que o surdo não a ouve, mas pode senti-la. Para distinguirmos um som, não precisa ser necessariamente através de voz ou instrumental, mas pela frequência, pelo número de vibrações, pela energia dispendida pelo espaço, em qualquer som emitido existem vibrações. (NORLING, 2013, p.25)

Observando com um olhar mais profundo as vivências das pessoas surdas, enquanto sujeitos humanos e subjetivos, é possível compreender que os mesmos podem e devem expressar-se de maneira livre, dentro de qualquer manifestação artística, pois sua surdez não se classifica como uma característica que desenvolve impedimentos na execução e expressão da arte. Diante dessa perspectiva, a dança não se posiciona como uma atividade impossível na vida dos surdos, muito pelo contrário pode ser vista como uma

prática capaz de potencializar seu desenvolvimento cognitivo e sensorial, trazendo benefícios para sua compreensão corporal e espacial, oportunizando que esses sujeitos possam encontrar uma maneira através da arte de expressarem seus sentimentos e vivências por meio dos movimentos realizados em suas coreografias.

Figura 3 - A dança surda e a sociedade ouvinte



Fonte: De autoria própria (2019)

Durante a elaboração dessa passagem do livro, de maneira didática e divertida eu procurei narrar a desinformação da sociedade a respeito dos sujeitos surdos e sua relação com a dança e o movimento. Onde represento com olhos curiosos os “seres” que vivem na galáxia da garotinha surda, essa analogia tem como objetivo simbolizar a nossa sociedade, que como na descrição da obra, costumam observar as pessoas surdas e ao mesmo tempo ficam surpresas e confusas se questionando, como é possível dançar sem escutar a música que está sendo tocada? E ao longo da história, pude responder dentro do enredo essa dúvida é respondida em uma bela apresentação para toda galáxia.

O surdo comunica sua existência, as suas ideias e a sua cultura, através de gestos e sinais precisos da língua de sinais, mas também é capaz de dominar técnicas e estética corporal através da dança e ricas combinações de padrões rítmicos. Sua percepção de ritmo, entretanto, amplia-se através da interação entre múltiplos sistemas perceptivos. (MAUERBERG-DECASTRO; MORAES, 2012, p.69)

Compreendendo a relação que se estabelece entre o movimento e a Libras, foi possível refletir que a comunidade surda através de sua vivência diárias de movimentos partindo de seu idioma, possuem diversas possibilidades de se expressar com seus corpos

pois a expressão por meio dele já está vivida em seus cotidianos, sendo a dança mais uma possibilidade desses sujeitos expressarem seus sentimentos, pensamentos e anseios, e sonhos futuros. Dessa maneira pode compreender que as pessoas surdas não possuem impossibilidades motoras ocasionadas pela surdez, que os impossibilitam de executar movimentos rítmicos, através da arte da dança.

Figura 4 - Comunicação em Libras entre mãe ouvinte e filha surda



Fonte: De autoria própria (2019)

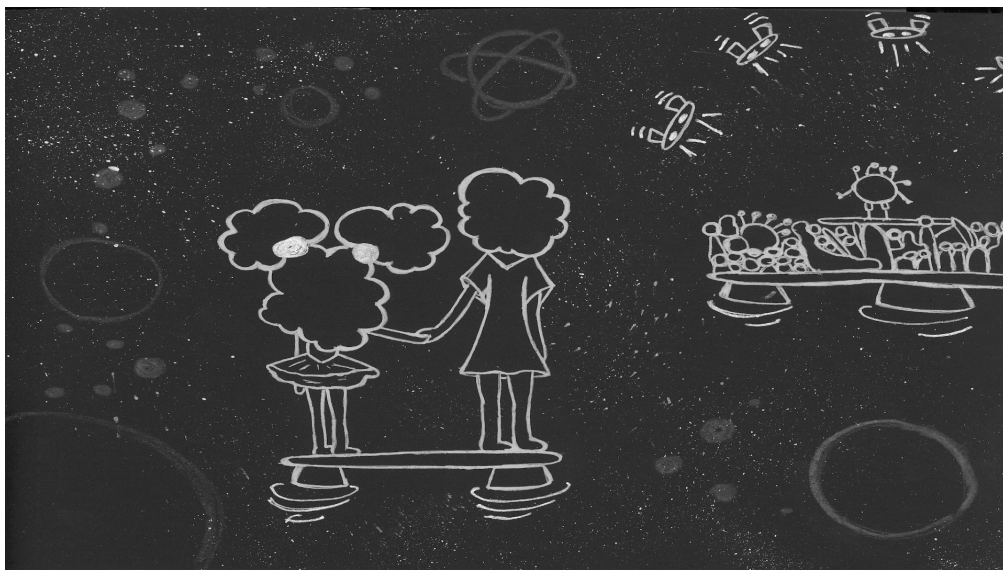
A ilustração apresentada acima tem como objetivo principal representar a comunicação entre mãe ouvinte e sua filha surda, que acontece inteiramente em língua de sinais. Além da comunicação através da Libras, essa cena é bastante significativa pois representa o momento de conversa sobre a apresentação que a mãe da garotinha conseguiu como o prefeito da galáxia, para demonstrar o talento de sua filha para sociedade.

Isto reforça a tese de que as famílias devem, o quanto antes e da melhor maneira possível, aprender a língua de sinais, garantindo, assim, a comunicação com seu filho e oportunizando a este um ambiente lingüístico favorável à comunicação e à interação. (NEGRELLI; MARCON, 2006, p.105).

A interação familiar com a criança surda dentro do seu desenvolvimento constitui-se em uma ação de suma importância, pois através do envolvimento com esse grupo social que são seus familiares, a criança inicia seu aprendizado de como funciona o mundo que o cerca. Entendendo e aprendendo através desse contato como as interações humanas

acontecem, os comportamentos sociais que devem ser estabelecidos, refletindo nesse sentido que quando ocorre dessa família não se dispõem em aprender a língua de sinais por algum motivo que julgam como impossibilitando desse aprendizado, pode trazer alguns prejuízos e atrasos a respeito da comunicação desse sujeito surdo em fase de crescimento. Pois sua participação ativa na comunicação com o mundo, passará a acontecer apenas quando o mesmo entrar em alguma rede de ensino, que iniciará seu processo de alfabetização e em paralelo acabará iniciando tardiamente sua comunicação com a sociedade e seus ambientes.

Figura 5 - Apresentação de dança no aniversário da galáxia



Fonte: De autoria própria (2019)

Sendo uma das últimas imagens do livro, a ilustração novamente reforça a importância que a presença familiar tem na vida das crianças enquanto sujeitos em formação. A ilustração demonstra a presença ativa da mãe da garotinha na vida de sua filha, onde a mesma busca através de sua atuação ser não só uma figura de afeto e apoio emocional, como também uma força que apoia e busca maneiras de auxiliar na realização dos sonhos de sua filha.

4.3 PARA VOCÊ SONHAR: processo de tradução imagens com movimento

No processo de tradução do livro: *Pra você sonhar* para Libras, muitos desafios foram encontrados. A tradução do português para Língua brasileira de sinais passa por diversos processos para o sua completa finalização, iniciando-se pela análise do material, contexto e objetivo do texto a ser traduzido, entoação assertiva os trechos da história, escolha dos sinais a serem usados, classificadores, movimentos a serem inseridos, contextualização viso-espacial, e várias outras etapas para que se possa gravar um material de qualidade para o público alvo, que nesse contexto são crianças e jovens surdos.

Como pessoa ouvinte no processo de produção do livro o foco principal foi no desenvolvimento de uma escrita voltada às concordâncias próprias da língua portuguesa, pois não havia pretensões de tradução do livro para Libras. O objetivo central era desenvolvê-lo apenas em formato escrito e ilustrado, com intenção de incentivar a leitura dentro das escolas primordialmente de crianças e jovens surdos. Porém, após novos estudos e pesquisas por materiais para serem aplicados com alunos surdos, era perceptível a escassez desses conteúdos, os poucos produzidos não atendiam a uma ampla demanda de faixas etárias. Nesse contexto, foi possível compreender com clareza sobre a importância de produções gravadas para sujeitos surdos, e como a variedade de materiais produzidos pode auxiliar no desenvolvimento acadêmico desses sujeitos.

Por possuírem estruturas linguísticas bastante distintas, a tradução do livro para Libras levou cerca de dez dias de processo para sua conclusão, cada trecho da história precisou ser repensado para que o sentido dentro da língua de sinais ficasse o mais claro e coeso possível. Em sua primeira versão, a tradução foi basicamente literal do texto em português, onde o objetivo inicial era identificar todos os sinais que seriam utilizados na gravação e realizar também pesquisa de novos sinais, sinônimos para palavras sem sinal e as possíveis estratégias para os sinais desconhecidos ou não encontrados. Esse primeiro momento foi muito importante para auxiliar na busca posterior de contextos que seriam atribuídos a cada parágrafo da produção, dando direção para as novas escolhas tradutórias foram sendo selecionadas e organizadas com a revisão da sinalização da primeira versão da glosa.

A segunda versão da tradução trouxe uma estrutura mais clara e coesa da Libras, abrangendo estratégias ainda simples de tradução, sem uso de muitos classificadores, ou personificação dos personagens e situações da história, entretanto a sinalização preza a estrutura linguística do português já não estava mais presente nessa parte do processo.

A terceira e última versão do texto agora inteiramente em glosa abrangeu mais variações estratégicas do idioma, com mais visualidade e um uso maior do espaço disponível para sinalização, para complementar e expandir a imaginação foram necessárias

pesquisas de referências tradutórias de livros infantis, como também trocas com outra tradutora intérprete e uma grande amiga Thuanny Sá Gaudino, que me auxiliou na tradução e planejamento de estratégias em alguns trechos desafiadores. As trocas entre profissionais com mais tempo de experiência na área de tradução, sejam essas pessoas surdas ou ouvintes, se torna um exercício indispensável pois a abertura para novas perspectivas e opiniões críticas sobre nossos projetos e produções, proporcionam um grande enriquecimento intelectual e prático sobre a construção de atividades posteriores relacionadas.

Esse momento de investigação e troca de experiências trouxeram inspiração para reformulação de alguns parágrafos do livro que precisavam de mais visualidade e classificadores para trazer mais vida aos personagens da história, também para representar melhor os locais não ilustrados, mas que estavam representados no corpo do texto original. Produzindo dessa maneira um conteúdo mais lúdico em que a história pudesse ser ilustrada não só nas imagens próprias do livro, como também nas oportunidades visuais existentes na Libras.

4.3.1 PARA VOCÊ SONHAR: Processo de gravação em Libras do livro

Durante o processo de tradução do Livro: *Pra você sonhar* em português para libras, e todo o texto foi adaptado para o formato de escrita em glosa, essa que é uma escrita em português adequada para estrutura linguística da Língua brasileira de sinais, esse modelo de texto é utilizado totalmente em caixa alta, auxiliando também na diferenciação da glosa para o texto original do livro. As duas tipologias textuais foram organizados em modelo de tabela no mesmo documento online, onde no período de tradução foi possível inserir algumas observações necessárias, como estruturas de alguns sinais, estratégias de classificadores, entonação dos trechos e expressões faciais algumas cenas específicas, esses comentários adicionais inseridos no documento tinham como objetivo auxiliar os momentos posteriores de gravação.

A história em formato de glosa foi registrada inteiramente em áudio, para que no momento da gravação fosse possível ouvir e sinalizar o texto, dessa maneira evitando pausas na gravação para ler os parágrafos e decorá-los para conseguir realizar o registro sinalizado do Livro. Durante os registros dos áudios os momentos da história foram narrados com entonações que combinasse com as situações de cada página que seria sinalizada, a fim de auxiliar na incorporação dos personagens do livro. Utilizando também os comentários que foram inseridos no documento, esse processo de narração combinado com um pouco de atuação tinha como principal intuito, desenvolver uma melhora nas expressões faciais que deveriam ser ressaltadas durante a filmagem, a fim de também

facilitar a elaboração de cada personagem, onde suas reações dentro da história sinalizada ficassem bem interpretadas no momento da gravação.

Essa estratégia de gravação em áudio do texto em formato de glosa, que serve como suporte para gravações em Libras, é uma metodologia de trabalho muito comum entre tradutores intérpretes ouvintes que utilizam o idioma. Pois é recurso simples e muito eficiente, principalmente se não houver condições de utilizar recursos mais tecnológicos e sofisticados para filmagens, como por exemplo os teleprompters, que são telas transmissoras de textos que auxiliam em gravações não só de traduções em língua de sinais, como também são utilizados em programas e filmagens em português.

O local de gravação do vídeo foi em um estúdio caseiro organizado na casa dos meus pais, dentro do meu quarto, instalei em uma parede vazia e bem iluminada um chroma key verde confeccionado pela minha mãe, que hoje exerce a profissão de costureira e me auxiliou na procura do tecido da cor ideal para utilização, a instalação do chroma key foi realizada pelo meu pai, que inseriu ganchos na parede na parte superior e inferior da parede, com o objetivo de conseguirmos deixar o tecido bem esticado, para auxiliar nos momentos de edição do vídeo.

A gravação realizada com o fundo em chroma key, tinha como principal objetivo a troca de fundo no momento da edição, para que pudesse ser posto na produção final as ilustrações junto com a tradução em libras do livro, disponibilizando uma produção visual mais interativa com o público alvo.

A iluminação utilizada continha uma luz central no teto do quarto, com apoio de duas luminárias posicionadas em locais diferentes, uma à frente da câmera e a outra direcionada diretamente para o chroma key, a organização das luzes no momento da produção foram de suma importância para o êxito da edição posterior, pois a existência de sombras atrás do tradutor na gravação podem impedir que a retirada do fundo seja feita no momento da edição, exigindo que o mesmo precise regravar todo o vídeo novamente. Nesse sentido, durante o período inicial de gravação realizei alguns vídeos testes que foram enviados para Thuanny, uma profissional mais experiente na área de gravação que pode me esclarecer um pouco sobre a organização da iluminação para que não fosse necessário regravar os vídeos produzidos.

Todo o processo de gravação levou o período de um dia completo, onde pela manhã me dediquei a organizar o local de gravação, ajustando a iluminação, o chroma key e as marcações no chão para o meu posicionamento na hora da filmagem. No período da tarde repassei toda a glosa com objetivo de verificar se estava como esperado para gravação, ou se havia necessidade de alguma alteração de sinal, ou estratégia, ao finalizar a revisão do texto em glosa pude iniciar a gravação dos áudios para auxiliar na sinalização.

Como todo local organizado, iluminação devidamente instalada, texto repassado, áudios gravados, pude dar início às filmagens, o áudio da glosa foi reproduzido diretamente no meu computador, pois meu celular foi utilizado para fazer a gravação em vídeo. Foram necessárias cerca de duas horas de filmagem de todos os vídeos, entre eles os de tradução da história em libras e os das cenas de dança onde representou a personagem principal, onde ficaram para escolha final dois vídeos de tradução e três vídeos de dança.

Durante todo o momento de tradução, segui os padrões normativos de gravação de vídeos em libras, com maquiagem neutra, camisa preta, e com o cabelo solto, pois meu cabelo não disponibiliza comprimento suficiente para ser preso. Já no vídeo de dança procurei estar o mais próximo da aparência da personagem principal, usando o cabelo com duas partes da frente presas com amarradores de cabelo, troquei a camisa preta por uma camisa rosa de manga comprida, com intuito de não aparecer nessa parte da filmagem as minhas tatuagens dispostas nos meus braços, buscando uma proximidade a imagem mais infantil da personagem que dentro da história ainda é uma criança.

Os momentos de gravação da tradução do livro para libras foram revigorantes, poder trabalhar em uma produção própria, sendo corpo e voz dos personagens que criei, foi um processo muito empolgante, pois nos momentos de criação da história e eu conseguia enxergar na escrita as personalidades de cada personagem dentro da minha perspectiva criativa, e quando tive a oportunidade de trazê-los para fora da imagem estática da ilustração do livro através da minha tradução, conseguia sentir a transmissão dessas personalidades através das minhas mãos e expressões.

Na filmagem da parte de dança do último trecho do livro onde a personagem principal se apresenta para todos de sua galáxia, quis trazer a emoção da música, “Ninguém” que me emociona muito, pois a partir da minha interpretação da letra percebo que a fala sobre a dança é muito particular, onde só nós podemos entender com clareza nossos momentos, sentimentos, sonhos, e a nossa dança particular com a vida. Buscando transparecer um pouco desse sentimento, coloquei a música para ser reproduzida enquanto dançava e gravava a última parte do vídeo de forma livre sem coreografia pré estabelecida.

Ao finalizar todos os vídeos e selecionar as duas melhores gravações, uma de tradução e a outra da dança final, entrei em contato com a Camila Gallo e a Thuanny Sá Galdino para que pudessem me auxiliar na edição e criação artística do vídeo final. A edição e organização de arte do vídeo é peça chave para que o telespectador se sinta envolvido com a produção, e viva os momentos e as emoções junto com os personagens da história que está sendo narrada, com objetivo de proporcionar esse envolvimento, Camila e Thuanny responsáveis pela edição me propuseram inserir na edição mais movimento para as cenas, me posicionando no vídeo em vários ângulos diferentes para que minha tradução

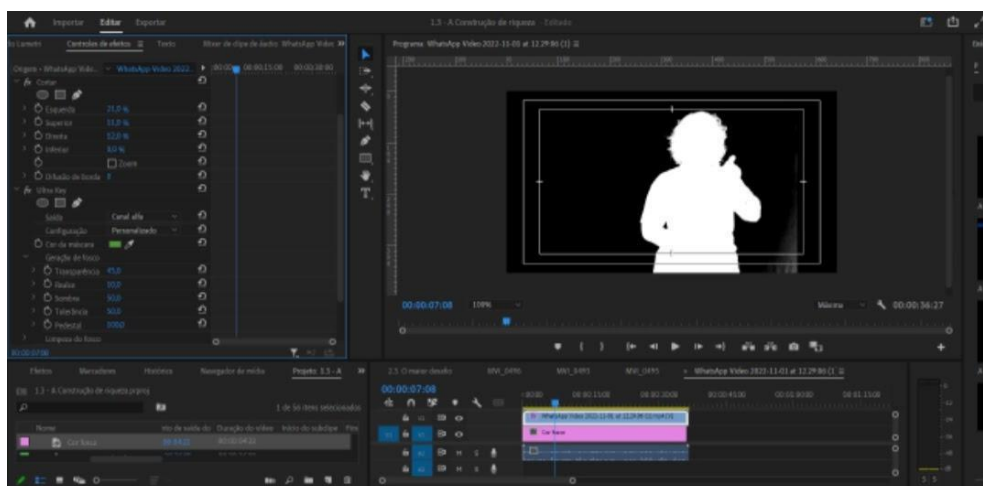
não fosse estática em uma janela, o propósito era transmitir a sensação da minha participação ativa na produção.

Ao encerrar a primeira versão do vídeo, elas o compartilharam comigo para que eu pudesse contribuir com minha perspectiva sobre a edição realizada, a produção havia ficado como o idealizado com a sensação de estar vivenciando a história de forma mais real bem transmitida, alguns ajustes mínimos foram necessários na parte final do vídeo que constava uma cena minha dançando como personagem principal, onde o vídeo inserido não era o mesmo que havia sido combinado. Esse ajuste foi realizado na segunda versão do vídeo, onde decidimos que seria interessante incluir mais alguns efeitos durante a narração da história juntamente com créditos para que ficasse registrado todos os envolvidos na produção desse material.

Na terceira e última versão do vídeo foi possível perceber que todos os elementos combinados na edição encaixaram perfeitamente com a ideia central de inserir o telespectador na história para que o mesmo possa vivenciá-la de forma mais ativa. Com a edição ressaltando uma variação da minha posição dentro das cenas foi possível notar como essa estratégia se transformou em peça chave para dar vida de fato a história, deixando minha participação ativa quase como uma personagem a mais na narrativa, os efeitos complementares que foram dispostos no vídeo que passam ao longo de cada trecho deixaram o visual mais interativo e animado como o desejado. No momento da dança final um efeito com estrelas de uma das ilustrações reais do livro foi sobreposto ao vídeo de dança deixando a sensação de um universo em movimento. Após assistir e avaliar a versão final do vídeo editado, a produção foi adicionada à plataforma online do youtube e disponibilizada gratuitamente para todos possam acessá-la.

Este registro (Figura - 6), demonstra o primeiro diálogo sobre organização da iluminação do chroma key, onde eu havia feito um vídeo teste e enviado para a Camila e a Thuanny, a fim de obter uma avaliação a respeito da adequação da iluminação no fundo e em mim. Elas me enviaram como retorno essa imagem do processo de edição, demonstrando que ao lado direito havia uma sombra branca, e se caso houvesse outras sombras como essa espalhadas pela gravação, seria necessário reorganizar a iluminação até que todas as sombras desaparecessem, mas como nesse teste havia apenas uma não acreditavam que atrapalhasse a edição posterior do vídeo oficial.

Figura 6 - Teste de edição

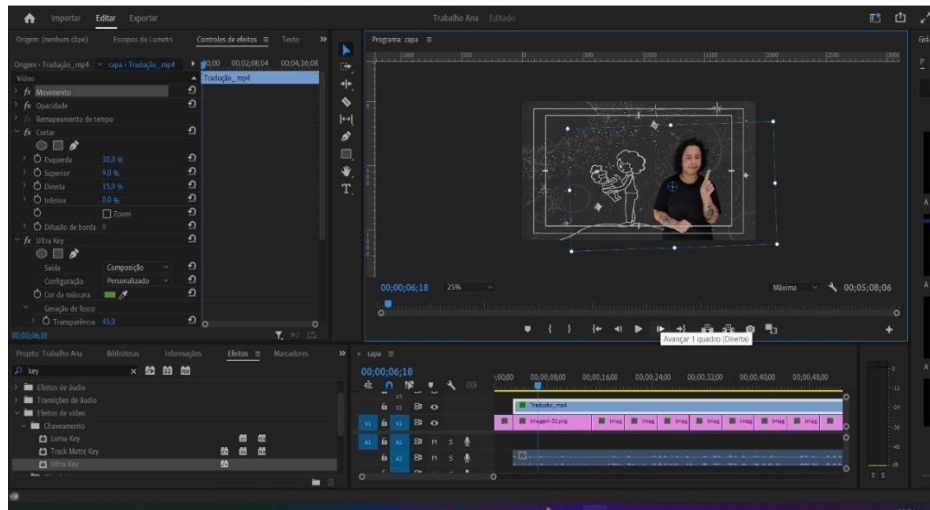


Fonte: De autoria própria (2019)

A imagem trazida na (Figura - 7), demonstra o processo de edição dos primeiros momentos da produção do vídeo, onde as profissionais responsáveis Camila e Thuanny queriam apresentar para mim uma ideia dinâmica de janela para a interpretação, que consistia em posicionar a janela em espaços variados, com o objetivo de que a mesma não ficasse estática em um único lugar como geralmente é utilizado nas edições de vídeo de traduções em Libras.

Buscamos tomar as decisões a respeito da produção sempre em grupo, a respeito de todos os aspectos que iriam compor a edição total do vídeo, como por exemplo o tamanho que essa janela ficaria em comparação às ilustrações que estariam localizadas ao fundo. Nesse sentido a discussão em grupo durante o processo de elaboração de um vídeo, segundo a perspectiva de CANELAS (2010) é, a forma mais simples de editar é combinar os planos, unindo-os de forma a obter uma sequência adequada de acordo com os objetivos do programa audiovisual.

Figura 7 - Processo de Edição



Fonte: De autoria própria (2019)

Essa foto da tela de edição do programa utilizado pela equipe (Figura - 8), expõe um trecho do processo de gravação da cena de dança, que foi produzida para ser inserida ao final do vídeo de tradução do livro. Com objetivo de apresentar uma coreografia livre e improvisada que pudesse transparecer a emoção e delicadeza da dança da personagem principal, foi posto para tocar no momento da gravação a música “Ninguém” essa que tem um grande valor sentimental para mim, além de considerar que seu contexto dentro da minha perspectiva condizia com ideia central do livro de que todas as pessoas são livre para poder se expressar de maneira artística através da dança.

Figura 8 - Processo de gravação do vídeo de dança



Fonte: De autoria própria (2019)

Na demonstração da imagem abaixo um print realizado pela equipe (Figura - 9), expõe o processo de edição do vídeo em sua finalização. As profissionais que estavam realizando a criação artística da edição, enviaram um trecho do vídeo com objetivo de buscar aprovação sobre o andamento da última versão, onde pude avaliar se a mesma contemplava todos os elementos acordados pelas partes, a respeito da ideia central da tradução do livro: *Pra você sonhar*.

Figura 9 - Edição finalizada



Fonte: De autoria própria (2019)

Nesta imagem (FIGURA 10), retirada da última cena da tradução, demonstra como se passou a estratégia de utilizar um efeito composto por estrelas, que foi unido a uma das ilustrações de galáxia do livro, o objetivo desse formato de edição foi tentar transmitir de forma lúdica uma imersão dos telespectadores na história gravada.

a função de construir é aquela que exige mais do editor de vídeo, não em termos de conhecimentos técnicos, mas sobretudo em termos estéticos e criativos, sendo com certeza a mais satisfatória, pois é nesta fase que o profissional da edição de vídeo pode dar asas à sua criatividade e à sua veia artística. (CANELAS, 2010, p. 4)

A partir dessa perspectiva, pode-se observar que a estética visual das produções em vídeo além de exercer a função de conectar os momentos gravados e criar a “magia” cinematográfica para o público, o processo de edição também oportuniza que os profissionais responsáveis por essa parte da criação de vídeos, possam expor de maneira significativa sua visão artístico a respeito do contexto e intenção da produção em questão.

A vista disso, durante os momentos de edição da tradução do livro: *Para você sonhar*, foi disponibilizado oportunidades para que as profissionais responsáveis por essa parte da produção apresentasse de forma livre e desprendida sua criatividade, desenvolvendo um material editado que se expandisse além dos acordos pré-estabelecidos entre todas as partes. A equipe pode adicionar e explorar elementos que julgavam condizentes com a temática e as intenções dispostas no livro, depositando nessa produção suas perspectivas pessoais sobre, o conceito dialogado entre todas a respeito de nós profissionais da área darmos espaço para o ato de “sonhar”, com um futuro mais abrangente em possibilidades de “ser” e “estar” para comunidade surda.

Figura 10 - Vídeo de dança editado



Fonte: De autoria própria (2019)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: sonhando acordada

A dança enquanto manifestação artística expressada através de movimentos e sentimentos, esteve presente na sociedade desde as suas primeiras civilizações, onde ao longo dos anos essa prática foi conquistando seu espaço na vida social das populações como parte do cotidiano cultural de variados grupos étnicos, sendo símbolo significativo dos ritos religiosos, pressões de fertilidade, pedidos de prosperidade, celebrações de amor e matrimônios, estando presente e vivida em todos os momentos da vida humana.

Através dos séculos a dança começou a ocupar espaços não só nas celebrações religiosas e sociais, mas também começou a chegar nos grandes palácios como forma de entretenimento e diversão artística para os nobres das cortes. Onde a partir desse momento um interesse diferente por parte da nobreza com a arte de dançar, que passa a ser aflorado onde os mesmos deixam de ser telespectadores, e iniciam uma participação ativa na prática apresentações de coreografias.

Dando oportunidade para o surgimento de novos dançarinos, esses que incitam a procura pelos aperfeiçoamentos de passos, e movimentos buscando estar cada vez mais sincronizados, desenvolvendo coreografias mais complexas e elaboradas, que contemplavam não só as novas técnicas de dança, como também a união da dança com outras manifestações artísticas, como o teatro.

E a partir do envolvimento entre o teatro e a dança, a sociedade inicia seu momento de desenvolver grandes espetáculos de dança, onde através das coreografias criadas contavam histórias utilizando a atuação e os movimentos narrando sobre as religiões antigas, batalhas marcantes, paixões ardentes e proibidas e muitos outros temas que já faziam parte da essência da antiga “dança folclórica”.

Mas que passou a ser exibida nos palácios e palcos dos grandes teatros de uma forma mais “refinada”, a fim de agradar os reis e rainhas da época. Após esse período de evolução da dança de uma manifestação social humana para uma arte de expressão da humanidade, onde nessa nova fase, passam a ser criadas as primeiras escolas de dança, e desenvolvidas também as grandes companhias, que realizaram turnês através dos países apresentando seus dançarinos famosos, e suas coreografias ousadas por todo o mundo.

As técnicas de dança também começaram a passar por renovações onde quem dançava buscava cada vez mais passos com maior complexidade e ousadia, onde dançarinos de todos os lugares procuravam inovar e mostrar seu potencial artístico nas apresentações. E a partir dessas inovações da dança, os estilos foram sendo moldados e reconstruídos a cada novo período da história, até chegarem aos estilos que conhecemos atualmente.

A dança enquanto parte da vida humana pode ser observada como uma ação além dos limites dos conceitos elaborados e determinados nos estilos de dança, desenvolvidos pela sociedade. Podendo ser vista também, como uma arte viva que se renova a cada período acompanhando as evoluções e mudanças sociais, se reinventando em paralelo com as demais manifestações artísticas, sendo ponte para que todos que a praticam possam expressar seus sentimentos, vivências e momentos marcantes, estando presente na vida das pessoas para além da beleza de passos, contemplando a oportunidade de demonstrar através da movimentação corporal a essência de uma das artes mais antigas na humanidade.

Observando a dança por outras perspectivas é possível compreender que a dança enquanto prática artística existe para além dos aprendizados de passos e aperfeiçoamentos de movimentos coreografados, ela também é fonte de intensificação da criatividade artística e cultural, sendo forte aliada na desinibição social dos sujeitos que dançam, além de viabilizar formas de compreender significados linguísticos, ultrapassando enquanto arte o encanto vindo através da execução de passos ensaiados, dando espaço para expressão do subjetivo de cada pessoa durante seu processo de expressão através da dança.

Sendo possível visualizar a dança a partir da perspectiva, de que a mesma é parte vivida da vida humana, de maneira que todos os corpos que desejarem podem, e devem se expressar de maneira artística através da dança. Entretanto a ocupação de espaços rítmicos por todos os corpos, não representa uma perspectiva tão aceita e compreendida pela sociedade em que vivemos.

Onde costuma-se a ser reproduzido o discurso que busca padronizar quais corpos podem se expressar em determinada manifestação artística e quais não podem, por estarem fora do padrão pré estabelecido socialmente, ocasionando limitações entre o envolvimento natural da humanidade com a arte de expressar seus sentimentos através dos movimentos, sendo parte deste grupo “não normativo” para praticar a dança os corpos das pessoas surdas.

Entendemos que o movimento corporal está inserido corriqueiramente em todas as situações da vida humana, e os surdos não estão a parte desse fato, em sua grande maioria os sujeitos surdos nascem em famílias ouvintes onde desde cedo têm contato com a cultura ouvinte relacionada a musicalidade e a dança. E dentro desses contextos os surdos vivenciam a experiência de observar em seus momentos familiares, que a dança se manifesta nas pessoas que a praticam sentimentos de alegria, e contentamento.

Sentir-se bem rodeado de seus entes queridos, em datas especiais, comemorações também contempla as pessoas surdas, que desejam compartilhar desses momentos e se alegrar em comemorações, com esse contato recorrente com a dança e o movimento corporal, muitos desses sujeitos passam a desenvolver uma afinidade com o ato de dançar.

Porém por serem pessoas surdas, muitas vezes em situações de desejo de aprimoramento de sua dança, a fim de explorar para além das festas familiares, os mesmos acabam sendo limitados pela sociedade por conta de sua surdez. Entendemos que não só na dança a comunidade surda acaba sendo por vezes inferiorizada, mas também em diversos âmbitos onde a desinformação a respeito da comunidade surda em sua maioria acaba desenvolvendo uma certa dúvida por parte dos ouvintes, que acabam se acreditando em pensamentos errôneos, que julgam os surdos como pessoas que não são capazes de exercer determinadas atividades, pelo motivo de não ouvirem e utilizarem outra forma de comunicação.

Dentro de minhas pesquisas pude compreender, que a comunicação é o princípio da vivência social humana, e a partir dela conseguimos realizar trocas significativas com diversos grupos desde nosso nascimento, conseguindo através dela desenvolver conhecimento de mundo, compreensão dos comportamentos sociais, como também construção de vínculos com nossos pares, contribuindo para nossa evolução enquanto sujeitos. Analisando a sociedade a partir do princípio desse pensamento é possível identificar que as pessoas ouvintes, em sua maioria acreditam que os surdos acabam sendo pessoas limitadas socialmente, em todos os âmbitos por não utilizarem o mesmo meio de comunicação que julgam como “normal”.

Entretanto ao longo dos estudos a respeito da comunidade surda, pude entender que os sujeitos surdos possuem sua própria língua viso-espacial, com estrutura linguística própria, e todas as características que a classifica como um idioma, e diferente das línguas orais, a língua de sinais possui muito movimento corpóreo além das expressões faciais, aspectos linguísticos que podem ser avaliados com uma proximidade maior com a dança, do que a sociedade ouvinte que não possui informações sobre o sujeito surdo, possa imaginar.

Compreendendo também que dançar não é uma ação que envolve somente a escuta ativa de uma determinada música, que leva a ação de se movimentar fisicamente conforme o ritmo, a dança exerce um papel muito mais significativo na sociedade, ela é capaz de envolver em um só momento todos os sentidos do corpo humano.

Onde a junção de movimentos que formam as coreografias de dança, não são coordenados diretamente pelos estímulos obtidos por meio dos nossos tímpanos, mas sim através de estímulos vindos do nosso cérebro, que tem como principal função manter nossos corpos ativos, com sua responsabilidade de organização e orientar os movimentos involuntários e voluntários do nosso corpo.

Partindo dessa perspectiva que diz respeito ao envolvimento da dança na vida humana para além de momentos de diversão, pode-se pensar que as pessoas surdas não possuem impedimentos físicos ou cognitivos que as limitem em se expressar por meio da

dança. Seus corpos já acostumados com a utilização de uma língua em movimento, possuem muitas possibilidades de aprendizados relacionados a dança como a compreensão de coreografias, pois além de serem pessoas muito observadoras por estarem mais habituados a utilizar a visualidade em todos os momentos de sua vida, essa característica de percepção mais visual que os auxiliam a captar os detalhes de uma coreografia com facilidade.

A dança além de movimentos coreografados e aperfeiçoados também é uma manifestação de sentimentos das experiências humanas, onde todos os sujeitos que os podem sentir devem ter o direito de poder manifestá-los. Se tratando de uma manifestação artística a dança, como outras áreas da arte, muitas vezes não é disponibilizada a todos de maneira igualitária, sendo reservada muitas vezes a grupos mais “elitizados”, ou com corpos “normativos”, onde os demais grupos como as pessoas surdas, vivenciam limitações impostas socialmente impossibilitando que esses sujeitos possam experimentar as possibilidades de expressar-se através das artes, como a dança.

Pensando nessa experiência entre corpos e as artes, priorizando a discussão sobre a dança, compreendo que o diálogo aberto sobre a importância da inclusão das pessoas surdas em todos âmbitos da sociedade e principalmente na dimensão da vivência artística, necessita de mais espaço para ser discutida e praticada dentro das redes de ensino de educação básica e universitária.

É possível observar também a partir do discurso trazido pela entrevistada que outros países a discussão sobre o corpo surdo, e a sua presença dentro das artes e na dança vem sendo levantada com mais assiduidade nos espaços que abrigam a arte, como também nas pesquisas acadêmicas que abordam com mais recorrência o tema estudando esse envolvimento entre o corpo surdo e a dança enquanto manifestação artística, em comparação com o cenário atual no Brasil.

Onde pude notar que essa procura por entender a presença da comunidade surda enquanto corpo em movimento dentro das artes rítmicas, está sim em andamento onde muitas pesquisas já foram desenvolvidas e aplicadas, porém com passos mais lentos, com muito campo para iniciação de pesquisas e estudos sobre o envolvimento da dança e a língua de sinais.

Nesses parâmetros, a partir da minha perspectiva enquanto educanda do curso de Pedagogia Bilíngue Libras/Portugues pude observar durante minha trajetória acadêmica que as discussões principais sobre a comunidade surda, estão envoltas majoritariamente da área de estudo sobre a linguística, onde se discute muito sobre as formas de ensinar a língua escrita para esses sujeitos, como trazer um bom desempenho dos mesmos na escrita do português e compreensão do plena do mesmo.

O aprendizado do português como segunda língua para os surdos é essencial para sua vivência na sociedade ouvinte, e a partir dessa perspectiva compreendo que os pedagogos bilíngues exercem um papel fundamental nesse processo de aprendizagem da segunda língua dos sujeitos surdos. Sendo parte deste trabalho direcionar e buscar estratégias didáticas que sejam de fato efetivas para o êxito dos alunos surdos.

Entretanto, é possível perceber também que pouco se discute sobre a inclusão mais ativa dos alunos surdos em outras disciplinas, principalmente as que envolvem conhecimentos da área artística. O incentivo à participação dos sujeitos surdos na aprendizagem na área da arte, tem possibilidades de ser mais presente a partir da iniciação desses sujeitos na educação básica nas escolas bilíngues e inclusiva.

Acredito que a iniciativa da participação mais ativa dos surdos na arte, deve ser uma construção que acontece a partir das discussões e conversas com os alunos em sala de aula, seguidas por parte ações recorrentes dos profissionais pedagogos com esses alunos, demonstrando de formas variadas e representativas como o corpo surdo pode se encaixar nesses espaços. Sendo ações iniciadas através de materiais, e práticas que os ilustram de maneira didática a identificação de que seus corpos enquanto pessoas surdas, podem ocupar qualquer ambiente que desejarem.

Porém se fez possível compreender, que os contexto desses profissionais pedagogos bilíngues que buscam por pesquisas que discorrem mais profundamente sobre sobre surdez e as metodologias que podem ser usadas para esse público estar mais inserido nas diversas vertentes da educação básica, não acabam encontrar conteúdos suficientes dispostos nos materiais das redes de ensino e educação básica brasileira, que possam nortear essa atuação ativa a fim de trazer inovação, e renovação do cenário atual da educação da comunidade surda.

Além de exercer o papel profissional de transmitir conhecimento e aprendizagem através da exposição de conteúdos, é parte primordial para educação de surdos que os pedagogos bilíngues exerçam a função de serem criadores também desses conteúdos, que não são encontrados facilmente entre os materiais didáticos disponíveis atualmente.

Entende-se nesse sentido que a elaboração dos materiais didáticos bilíngues pensados mediante a subjetividade da comunidade surda possui um lugar de suma importância nessa educação, a fim de que se possa melhorar o desempenho das atividades exercidas com esses alunos enquanto profissionais. Pois a área de pesquisas a respeito dessa educação está em crescimento ainda, fornecendo uma disposição não muito vasta sobre as formas metodológicas de ensino interdisciplinar para crianças e jovens surdos, os materiais didáticos disponíveis que hoje ocupam a função auxiliar e oferecer suporte na aprendizagem nas redes de ensino, muitas vezes não conseguem contemplar de maneira satisfatória o ensino desses alunos.

Observando então que os materiais que são ofertados aos sujeitos surdos no sistema educacional atual, são compostos por uma escrita inteiramente em português, e os que possuem imagens e desenhos muitas vezes não são capazes de ilustrar totalmente, a conexão entre os conteúdos, visando a perspectiva de aprendizado dos sujeitos surdos de forma viso espacial. Por vivenciarem essa realidade, muitos profissionais da educação bilíngue buscam desenvolver a tradução, de alguns materiais didáticos usados na educação básica, a fim de contemplar os alunos surdos com seu idioma em sala de aula.

Entretanto, pude compreender ao longo dos estudos sobre bilinguismo que a tradução para Libras dos conteúdos já disponíveis, não se classifica como o método totalmente ideal para a absorção eficaz dos conhecimentos passados durante as aulas pelos alunos surdos. A utilização da Libras por si só, não é suficiente para resolver a lacuna da educação das pessoas surdas nas redes de ensino, onde vemos que desenvolvimento de um olhar mais profundo para essa educação se faz um exercício necessário para os profissionais que estarão à frente dessas turmas, a fim de aumentar de maneira significativa a elaboração de materiais e atividades que envolva a cultura da comunidade surda, na busca de diminuir as barreiras presentes no sistema educacional para com esses sujeitos.

A partir do desenvolvimento dessa pesquisa em busca de entender o cenário atual da educação de surdos no Brasil e os conteúdos que foram desenvolvidos a partir dos estudos desses sujeitos, como também narrar a experiência da produção de dois materiais bilíngues. Pude entender a grande carência na elaboração de materiais didáticos que contemplem de maneira plena a vivência escolar desses alunos surdos dentro das redes de ensino atualmente.

Sendo observado a partir dessa averiguação que ainda enfrentamos uma grande falta de recursos acessíveis disponibilizados para os surdos, como imagens auto explicativas desses conteúdos, escritas mais acessíveis a crianças e jovens surdos que estão em processo de aprendizado do português como sua segunda língua, além de não ser encontrado muitos materiais que sejam em Libras contemplando a primeira língua desses sujeitos, assim auxiliando que compreensão e absorção dos conteúdos pelos alunos surdos aconteça de maneira mais fluida.

Buscando então exercer um papel ativo de mudança para esse cenário educacional o curso de pedagogia bilíngue no IFSC Palhoça Bilíngue, buscou oferecer a oportunidade de seus educandos da área pedagógica, pudessem entender em algumas discussões sobre o tema a importância da atuação mais assídua do professor bilíngue em construir materiais e conteúdos acessíveis para a comunidade surda. Contendo não somente a Libras nessas produções como também trazendo a essência da visualidade dos sujeitos surdos, usando elementos mais vividos para esse ensino.

Disponibilizando mais acesso a produções que os representem enquanto sujeitos subjetivos, culturais, humanos, capazes de expressar suas vivências não apenas em suas narrativas em diálogos sociais, mas como também na dança, na poesia e nas demais manifestações artísticas.

Com essa perspectiva em vigor, uma proposição de atividade foi trazida para os alunos da turma de pedagogia bilíngue na qual eu era integrante, onde deveríamos produzir um livro infantil para crianças e jovens surdos onde os mesmos fossem protagonistas dessa obra. No momento da discussão inicial sobre a proposta de elaboração desse projeto pude me questionar, enquanto aluna, qual o nível de importância dessa atividade, ou os motivos pelo qual ela havia sido trazida a nós.

Então durante as aulas quando nos foi apresentados os livros produzidos até aquele momento para crianças surdas, pude perceber que os personagens principais eram sujeitos surdos, entretanto envolvidos da realidade das experiências da comunidade ouvinte, com questões que não se conectam totalmente com as pessoas surdas, onde pude entender que essa atividade era uma oportunidade de dar voz e espaço, para que as vivências dos surdos através dessa produção, desenvolvendo em mim um sentimento de dever com a elaboração desse livro, um dever além da obtenção de nota para passar na disciplina.

Procurei então encontrar dentro das histórias reais do campus, uma voz que narrasse uma experiência que também se conecta-se com a essência de uma história que pudesse dispor uma profundidade além do incentivo à leitura para as crianças e jovens surdos, com contribuições significativas tanto cognitivas afluídas através do mundo da imaginação, desenvolvida através da leitura de livros, como social representando situações reais da comunidade surda.

Buscando então minha inspiração através de diálogos com a comunidade surda pelo campus, em uma conversa despreocupada com uma aluna ouvinte do IFSC, acabei descobrindo que sua filha era uma pessoa surda e que a mesma amava dançar, nesse momento a iluminação para a grande história que eu buscava para iniciar minha produção se acendeu. E foi inspirada na narrativa real de uma adolescente surda que tinha a dança muito viva em sua vida pessoal, assim como eu tive, iniciei a escrita do livro: *Pra você sonhar*.

Na história do livro busquei inserir mais que realidade nele, trouxe em seu enredo alguns contextos que contemplassem também um pouco da sociedade em que vivo nessa enquanto mulher parda brasileira. Desenvolvi uma narrativa que trazia uma mãe jovem e solo, que deu a luz a uma filha surda de nascença, ambas viviam em uma galáxia morando em seu “planetinha”, essa garotinha surda desde muito cedo era apaixonada pela dança e durante suas brincadeiras e alegrias de criança o movimento estava sempre presente.

A partir desse amor pela dança da garotinha, procurei narrar um dos questionamentos da nossa sociedade em relação a comunidade surda, e seu envolvimento com a dança, onde no livro são representados como “seres” que viviam nessa galáxia e também não compreendia como uma menina surda poderia dançar.

Buscando disponibilizar para os leitores um pouco da subjetividade surda, em alguns dos trechos do livro trouxe características que demonstram por exemplo, como que os sujeitos surdos podem sentir a vibração das músicas, e assim dançarem com facilidade em qualquer ritmo. Juntamente a essa explicação trago uma comparação fantasiosa, dentro das minhas crenças sobre pessoas e o mundo, dizendo que as pessoas surdas também podem sentir a “energia boa das pessoas especiais”, essa observação além de levantar uma ideia mística sobre as trocas humanas, também diz respeito a como os surdos são observadores, por terem muito vivido em seu dia a dia o uso da visualidade partindo de sua língua materna, até sua maneira de entender o mundo através dos recursos visuais que o mesmo oferece.

Na trama abordo de maneira subentendida o esforço da maternal vindo por parte da mãe da personagem principal a garotinha surda, essa mãe que busca de todas as maneiras dentro do seu alcance demonstrar para sua sociedade a capacidade de sua filha enquanto dançarina surda, arranjando uma grande apresentação para sua filha no aniversário de sua galáxia.

Expressando dessa maneira a minha perspectiva sobre a importância da presença da familiar, enquanto parte do desenvolvimento e pertencimento dos sujeitos surdos na sociedade. Sendo mais do que cuidadores dessas crianças, exercendo um papel de luta contra o capacitismo instaurado na sociedade que ainda está em processo de compreensão sobre como os corpos podem ocupar todo e qualquer lugar, e a importância dessa atuação dos guardiões dessa criança surda, pode ser vista como chave para abertura de muitas portas na vida dos surdos.

Pensando então, não só na oportunidade de crianças e jovens surdos se sentirem representados dentro de uma produção textual e artística, que foi elaborada abordando vivências reais da comunidade surda, nesse projeto busquei então desenvolver após a produção do livro, também a tradução desse material físico em um vídeo sinalizado em Libras. Onde primeiramente procurei entender as conexões do livro enquanto uma produção em português, para dar início a tradução em Libras do mesmo.

Neste processo de tradução foram realizadas três versões do texto original, esse que foi reescrito em formato de glosa, uma escrita em português adaptada para estrutura linguística da Libras, a fim de facilitar o momento de sinalização nas gravações. As variadas versões do texto em formato de glosa, se fez um processo necessário para que fosse possível executar as melhores escolhas tradutórias para o livro, escolhas não só dos sinais

que seriam usados, como também das estratégias de incorporação e posicionamento de cada personagem no momento da gravação, buscando encontrar os melhores classificadores para narrar as cenas da história.

Esse trabalho de tradução contou não somente com as experiências obtidas ao longo do período de formação no curso de Pedagogia Bilíngue do IFSC Palhoça Bilíngue, existiu dentro desse desenvolvimento tradutório trocas significativas com outra profissional da área de tradução e interpretação, que pode complementar com seus conhecimentos sobre a comunidade surda, trazendo estratégias de tradução mais assertivas a respeito do trabalho que estava sendo feito.

A partir dessa troca entre profissionais da área de atuação bilíngue Libras/Portugues, compreendi como o trabalho em conjunto de pedagogos bilíngues e tradutores intérpretes de Libras, se faz uma atividade indispensável e essencial para o aprimoramento e alinhamento dos conhecimentos acerca da comunidade surda a fim de enriquecer a elaboração de materiais e conteúdos para os sujeitos surdos.

Nesse sentido também é importante salientar que a discussão com sujeitos surdos, e a escuta ativa desses sujeitos, a fim de entender suas necessidades e opiniões a respeito das produções realizadas para os mesmos, se tornou uma atitude quase obrigatória dentro da minha perspectiva de futura profissional da educação, amparada nessa perspectiva de trocas e aprendizados com profissionais surdos e ouvintes, busquei durante a execução dessa produção entender com a adolescente surda que foi inspiração da obra, sua percepção e sentimento enquanto representação da comunidade surda dentro livro.

Em sua narrativa ela trouxe um pouco de sua história pessoal e seu envolvimento desde muito cedo com a dança, onde passou por escolas de dança e pode sentir a dificuldade em relação a comunicação e o fato de ser a única aluna surda dessas aulas. Desenvolvendo então a estratégia de treinar as coreografias aprendidas nas aulas em casa, a fim de acompanhar mais ativamente o grupo no qual fazia parte. Expressou também sua perspectiva a respeito da falta da representação surda atuante no cenário da dança no Brasil em comparação com outros países, trazendo em seu discurso a necessidade da produção de mais pesquisas e atividades rítmicas com sujeitos surdos, com objetivo de disponibilizar mais oportunidades para que pessoas surdas possam se tornar dançarinos profissionais e professores de dança no país.

Com embasamento nas perspectivas apresentadas acima, a intenção de produzir o material gravado do livro: *Para você sonhar*, se fortaleceu, dando espaço para a iniciativa da elaboração desse projeto. Após a realização do processo de tradução iniciei a organização de um local adequado dentro das minhas limitações, a fim de realizar a filmagem em chroma key verde, para que não houvesse só a tradução em libras do livro, mas fosse

acrescentado também os recursos imagéticos que fazem parte da história pudessem ser adicionados ao fundo do vídeo, a fim de enriquecer a produção.

O período de gravação aconteceu em um único dia, e durante esse processo de foi possível absorver a grande importância do sujeito tradutor não ser apenas uma ponte entre dois idiomas, mas inserir também em suas produções principalmente de cunho artístico a atuação, incorporando os personagens e suas características nas filmagens, disponibilizando um material em vídeo muito mais vivido para alcançar satisfação do público alvo.

Além da execução do vídeo traduzido em língua de sinais narrando a história do livro, o processo de edição foi primordial para que a magia da produção pudesse ser ressaltada aos futuros telespectadores. Com a ajuda do trabalho em equipe de duas amigas e profissionais da área de tradução e interpretação, edição e montagens de vídeos, podemos desenvolver uma produção de arte sinalizada.

Com o objetivo de realizar uma produção mais dinâmica para atender o público infantil surdo, fui posicionada durante a edição em diversos locais diferentes do vídeo, a fim de ser parte ativa do vídeo sem ser uma janela de Libras estática, atuando dentro da produção de maneira que desse a impressão de me tornar uma personagem extra. No momento final do vídeo foi decidido que haveria uma complementação do contexto da dança enquanto arte em movimento, inserindo então uma filmagem de dança realizada por mim.

Para realizar essa filmagem final que seria inserida na produção, resolvi trazer uma coreografia livre e improvisada, apenas composta pela emoção e sentimento obtido através da oportunidade de estar desenvolvendo um material bilíngue para crianças e jovens surdos, abordando uma realidade vivida pela comunidade surda que é parte de uma sociedade capacitista e limitadora de corpos.

Na finalização da produção em sua totalidade desde a elaboração do livro físico para crianças e jovens surdos das redes de educação básica brasileira, até a realização de um vídeo traduzido em Libras desse mesmo projeto, agora pensando em atender as necessidades visuais e linguísticas desses alunos, foi possível concluir que a atuação ativa dos profissionais professores bilíngues Libras/Portugues enquanto transmissores de conhecimento, possuímos um papel muito importante também em serem criadores de conteúdos acessíveis de fato para comunidade surda.

Buscando contemplar dentro dessas produções didáticas, a cultura desses sujeitos, suas particularidades enquanto pessoas visuais, suas vivências e narrativas que auxiliam na identificação e pertencimento dos surdos na sociedade, e o entendimento de que seus corpos podem acessar todo e qualquer espaço que desejarem dentro de suas trajetórias particulares.

6. REFERÊNCIAS:

- ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação artística*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL - MEC. *Ensino da Língua Portuguesa para surdos: caminhos da prática pedagógica*. v.1. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos) In: SALLES, H. M. M. L. et al. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. Florianópolis, UFSC, 2008.
- CAMPOS, Álvaro de. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1951.
- CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, Michael F. *Pesquisa Narrativa*. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. São Paulo: Global Editora, 1997.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação*. Revista em Educação, Belo Horizonte, v.27, n.1, abr.2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf>. Acesso em 02 jun. 2022.
- ELLER, Francisco; GIL, Francisco. Ninguém. Rio de Janeiro, 2020. 03:18 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGeFoBZbDgM&ab_channel=Blacktape>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- EMICIDA; VITTAR, Pablo; BELCHIOR, Antônio Carlos; MAJUR. Amarelo. São Paulo, 2019. 08:54 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab_channel=Emicida> . Acesso em 18 nov. 2022.
- FARO, Antonio José. *Pequena história da dança*. ed.4, Hamburgo gráfica e editora. Rio de Janeiro, 1998.
- GALASSO, Bruno José Betti et al. Processo de Produção de Materiais Didáticos Bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2018, v. 24, n. 1 [Acessado 30 Novembro 2022] , pp. 59-72. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100006>>. ISSN 1980-5470.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação*. IN: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

SKLIAR, Carlos. *Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos*. IN: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli (Orgs.). Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001.

MAUERBERG-DECASTRO, Eliane; MORAES, Renato. A influência da dança na percepção de estruturas rítmicas monotônicas em adolescentes surdos. *Motricidade*, vol. 9, n. 1, p. 68-85, Portugal, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2730/273025808006.pdf>> . Acesso em: 01 out. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NEGRELLI, Dumont Maria Elizabeth; MARCON, Silva Sonia. Família e criança surda. *Ciência, cuidado e saúde*, v. 5, n. 1, p. 98 -107, Maringá, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5146/3332>> . Acesso em: 28 set. 2022.

NORGLING, da Silva Priscila. As representações na vida de surdos adultos. FURG, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87739/000911663.pdf?sequence=1>> . Acesso em: 20 out. 2022.

PAIVA, Carlos Alberto; TORI, Romero. Jogos Digitais no Ensino: Processos cognitivos, benefícios e desafios. In XVI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital. Curitiba .2017 p.1052-1055; Disponível em: <<https://www.sbgames.org/sbgames2017/papers/CulturaShort/175287.pdf>> Acesso em: 06 de Abr. de 2022.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

RISCO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

STEYER, Daiana. “Não tem material didático para surdo; eu pesquisei a vida inteira”: impressões de professores de língua portuguesa e inglesa sobre o ensino e material didático para surdos. UNISINOS , Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9113/Daiana%20Steyer%20PROTEGIDO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 08 out. 2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo. *Pesquisa narrativa: outras formas de conhecer*. IN: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Orgs.) Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017.

VERCEZE, Rosa Maria Aparecida Nechi ; SILVINO, Eliziane França Moreira. O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-mirim. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 83-102, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/562>. Acesso em: 02 set. 2022.

CANELAS, Carlos. Os sistemas de edição de vídeo: linear versus não-linear. Instituto Politécnico da Guarda, Portugal, 2010. Disponível em:

<<http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/3444/1/Carlos%20Can>>. Acesso em: 02 out. 2022

VIEIRA, Evelin Domingos. *Entrevista concedida a Ana Carolina Bitencourt*. (online). 15 jul, 2022.